



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Bases para uma Proposta de Salvaguarda e Valorização

ESTELA MARISA DE MATOS MARZIA

Orientação: Professora Doutora Antónia Fialho

Conde

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização: Ramo Património Artístico e História da Arte

Évora, Fevereiro 2014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu especial agradecimento a algumas pessoas que, das mais diversas formas, me ajudaram de modo a que fosse possível a realização deste trabalho.

À Professora Doutora Antónia Fialho Conde, antes de mais por aceitar o meu pedido para que fosse orientadora deste Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, pelo seu apoio e perseverança;

Ao Coronel Luís Sodré de Albuquerque pela excelente forma como me recebeu no Museu Militar de Lisboa e pela sua constante simpatia e disponibilidade para me ajudar;

Ao Major António Mendonça, pelo apoio e igual simpatia;

À Alferes Ana Soares e ao Primeiro-Sargento Magro, e aos demais membros do Museu Militar de Lisboa, com quem trabalhei diretamente durante o meu estágio ao longo de 4 meses, pela ajuda imprescindível, disponibilidade, simpatia e amizade com que me presentearam;

Aos meus pais, por sempre me apoiarem e serem uma presença constante na minha vida, guiando-me;

Aos meus tios, pela compreensão e carinho com que sempre me acolheram;

A todos os que de forma direta ou indireta, estiveram ligados à realização deste trabalho, pelo apoio;

Agradeço ainda de forma especial ao meu namorado Tiago Escoval Dias, por tudo, pelo amor, força, companhia, tranquilidade e ajuda, fazendo com que tudo se tornasse mais fácil.

ÍNDICE

Resumo/Abstract	7
Introdução	8
Capítulo I – O Museu Militar de Lisboa	17
1. Contextualização Histórica do surgir do Museu: breve panorâmica.....	18
2. Caracterização da Instituição.....	22
2.1. Práticas Educativas do Museu Militar de Lisboa	38
3. Comparação com outros Museus Militares.....	41
3.1. <i>Museo del Ejército</i> , Toledo	42
3.2. <i>National Army Museum</i> , Londres	45
3.3. <i>Museo Militar Regional de Canarias</i> , Canárias.....	47
3.4. Apreciação Comparativa das Unidades Museológicas em Análise.....	50
Capítulo II – A Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI: Inventariação da Coleção do Museu Militar de Lisboa	53
1. Contextualização Histórica.....	54
1.1. A Evolução da Artilharia Pirobalística	57
Capítulo III – Estágio em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural no Museu Militar de Lisboa	68
1. Origem do Estágio.....	69

2. Contextualização do trabalho de Estágio: da importância da Inventariação ao trabalho no terreno.....	73
2.1.A Coleção de Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Elaboração das Fichas de Inventário.....	74
Capítulo IV - Salvaguarda E Valorização Da Coleção De Artilharia Histórica Do Museu Militar De Lisboa (Séculos XIV a XVI).....	85
1. O Património Militar Português e a sua Salvaguarda	86
2. Proposta de Salvaguarda e Valorização da Coleção de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa.....	88
2.1. Revisão e Atualização das Tabelas das Bocas-de-fogo.....	88
2.2. Divulgação da Coleção no <i>site</i> e a sua dinamização no Museu Militar de Lisboa.....	89
2.3. Da Inventariação Existente à Proposta de Inventariação da Coleção: aplicação das Fichas de Inventário criadas.....	92
Considerações Finais.....	94
Bibliografia.....	99
Anexos.....	i
• Anexo I – Glossário.....	i
• Anexo II – Constituição de Peças e Obuses.....	iv
• Anexo III – Localização das Bocas-de-fogo no Museu Militar de Lisboa: Disposição nos diferentes espaços.....	vi
• Anexo IV – Fichas de Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI.....	xii
1. Caves Manuelinas.....	xiii

2. Pátio da Artilharia.....	Ci
3. Sala D. Nuno Álvares Pereira.....	clxxvii
4. Sala Infante D. Henrique.....	clxxxiv
5. Sala Vasco da Gama.....	cxcv

Anexo V – Tabelas reformuladas da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI.....cclvii

1. Caves Manuelinas.....	cclviii
2. Pátio da Artilharia.....	cclxvi
3. Sala D. Nuno Álvares Pereira.....	cclxxii
4. Sala Infante D. Henrique.....	cclxxiii
5. Sala Vasco da Gama.....	cclxxiv

Anexo VI – Site reformulado do Museu Militar de Lisboa.....cclxxix

Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Bases para uma Proposta de Salvaguarda e Valorização

RESUMO

O presente Relatório de Estágio tem por objetivo a inventariação de uma coleção, de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa, compreendida entre os séculos XIV e XVI, realizada durante um estágio de 363 horas na citada Instituição, visando realizar uma proposta de valorização da mesma.

Partir-se-á de uma caracterização da unidade museal onde foi realizado o Estágio, em termos históricos, mas também no que respeita à sua orgânica interna. Seguidamente será tratada a história da Artilharia, contextualizando a coleção existente no Museu Militar de Lisboa, descrevendo-se depois o trabalho de estágio, nomeadamente o modelo de ficha de inventário elaborado, o que conduzirá ao quarto e último capítulo do Relatório, onde se apresenta uma proposta de valorização para a citada coleção do Museu Militar de Lisboa.

Palavras-chave:

Museu Militar de Lisboa, Artilharia Histórica, Inventário, Proteção e Valorização

Inventory of Historical Artillery of XIV to XVI Centuries in Military Museum of Lisbon: Basis for a Proposal of Protection and Enhancement

ABSTRACT

This Internship Report aims at inventorying a collection of Historical Artillery, from Military Museum of Lisbon, between the fourteenth and sixteenth centuries, performed during an internship of 363 hours in the mentioned Institution, in order to perform a valuation of the same collection.

There will be a characterization of the museum in historical terms, but also with regard to its internal organization. Then be treated the history of Artillery, contextualizing the said collection in Military Museum of Lisbon, describing what was made during the internship, in particular the model sheet inventory drawn, which lead to the fourth and final chapter of the report, that presents a proposed enhancement to the aforementioned collection of the Military Museum in Lisbon.

Keywords:

Military Museum of Lisbon, Artillery, Inventory, Protection and Enhancement

INTRODUÇÃO

A elaboração do presente Relatório de Estágio intitulado *Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Bases para uma Proposta de Salvaguarda e Valorização*, no âmbito do mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Ramo Artístico e História da Arte e coordenado pela Professora Doutora Ana Cardoso de Matos, resulta da realização de um estágio de três meses no Museu Militar de Lisboa.

Durante o decorrer do primeiro ano letivo 2011/2012 do citado Mestrado, elaborou-se um trabalho para o Seminário de Património Museológico e Construção da Memória referente ao Museu Militar de Lisboa, durante o qual surgiu a proposta de realização de um Estágio pretendido pelo referido Museu, o que desde logo foi aceite, uma vez que se acentuou a vontade de realizar um trabalho de dinamização da Instituição. Para tal, as propostas para salvaguardar e valorizar a Instituição passariam por, a partir da realização de um Inventário sobre a Artilharia Histórica, rever as respetivas salas de exposição, o seu conteúdo e as limitações que podiam apresentar a nível de serviços museológicos e dinamização.

O tempo de realização do Estágio Académico desde logo teve que ser condicionado devido aos prazos necessários para as pesquisas e para a redação do Relatório, chegando-se à conclusão de que seria um trabalho bastante ambicioso e com dificuldades no cumprimento se não se tivesse em atenção o tempo de realização do mesmo. Dada esta condicionante, concluiu-se, junto da Orientadora, a Professora Doutora Antónia Fialho Conde e do responsável no Museu pelo Estágio, que o mais indicado seria apostar na inventariação da artilharia histórica. De facto, e após o processo necessário para a oficialização do Estágio e de reuniões com a Diretora do Mestrado, com a Orientadora e com o diretor do Museu Militar, o Coronel Luís Sodré de Albuquerque, chegou-se à conclusão de que a realização do inventário de parte do enorme espólio que se encontra sob a alçada do Museu Militar de Lisboa seria o mais indicado. Assim, tiveram que se ajustar as necessidades da Instituição ao Estágio que se pretendia realizar e chegou-se à conclusão de que era precisamente a Artilharia

Histórica que precisava de particular atenção, por duas razões: as investigações feitas até à data são de décadas um pouco recuadas; por outro lado, a Artilharia Histórica é pouco referenciada e valorizada no Museu Militar de Lisboa.

- **Problemática**

A baliza cronológica compreende os séculos XIV a XVI. A Artilharia Neurobalística foi utilizada sensivelmente até meados do século XV, quando passou a usar-se mais frequentemente a Artilharia Pirobalística. De forma bastante sucinta, a força propulsora da primeira é resultante da torsão de cordas ou nervos enquanto a da segunda já é obtida através da força produzida pela explosão da pólvora. A expansão desta nova artilharia não foi homogénea, uma vez que não chegou a todos os pontos do mundo na mesma altura¹, não chegando a vários locais. A aceitação da nova artilharia não foi imediata devido ao difícil manuseamento da pólvora, embora o seu poder destrutivo fosse bastante maior, aspeto esse que fez com que nos cinquenta anos após o seu aparecimento já estaria presente nas principais cidades da Europa, tal como defende Nuno Valdez dos Santos na sua obra *Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa* (2011). Passou assim a ser possível lançar projéteis, que a partir daí já não necessitavam de ter dimensões desmesuradas, a maiores distâncias e com maior precisão, sendo que os próprios engenhos, a partir daqui denominados comumente de “canhões” não precisavam de ter o tamanho que os engenhos neurobalísticos² tinham na sua grande maioria.

Como o autor Valdez dos Santos cita na sua obra, *Os Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, através dos velhos tratados de artilharia, estes novos engenhos artilheiros seriam “hum instrumento (...) comprido e concavo. Por dentro em forma redonda, feito de ferro, ou bronze, com o qual por meyo da polvora, se arrojão ballas.

¹ Pensa-se que a Artilharia Pirobalística é originária do Oriente. Através dos contatos dos mouros do Oriente com os seus homónimos de África, terá chegado à Península Hispânica entre finais do século XIII e inícios do XIV.

² Veja-se o exemplo das tão conhecidas “catapultas”, muitas vezes de dimensões exorbitantes, embora estes novos exemplares tivessem pesos bastante consideráveis que não facilitavam o seu transporte.

Bombas e granadas”³. A partir do momento em que se começou a usar esta nova artilharia a guerra tornou-se muito mais eficaz, letal e com resultados muito mais destrutivos.

A coleção existente no Museu Militar de Lisboa permite-nos entender a presença da pirobalística em Portugal, e a constância do seu uso, bem como, a partir das peças inventariadas, entender a sua evolução técnica, estética e o seu valor patrimonial.

- **Metodologia de Trabalho**

A metodologia usada foi qualitativa na medida em que teve por objetivo a compreensão dos problemas analisando-os de modo a criar indutivamente conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados ao longo de toda a investigação.

O trabalho de Estágio compreendeu uma Investigação-Ação, ou seja, uma Investigação, uma vez que se pretende aumentar o conhecimento, e uma Ação, quer através da criação e da aplicação das fichas de inventário, quer porque pretende obter-se uma mudança no Museu Militar de Lisboa com as propostas de valorização, sejam elas futuramente aplicadas ou não.

Para a investigação foram usadas monografias, consultadas com um critério, o da sua data de edição, ou seja, consultadas primeiramente as mais antigas e posteriormente as mais recentes, de modo a ter-se uma melhor perceção da evolução do que foi sendo escrito. Foram igualmente usadas fontes documentais dos séculos XIV e XVI bem como legislação, de modo a reforçar as ideias dos autores que anteriormente se debruçaram sobre o tema da Artilharia, a tirar ilações que estes não desenvolveram e a perceber os enquadramentos legais da instituição. Os funcionários do Museu Militar de Lisboa foram igualmente uma fonte, através de entrevistas, reuniões e sessões de

³ *“hum instrumento (...) comprido e concavo. Por dentro em forma redonda, feito de ferro, ou bronze, com o qual por meyo da polvora, se arrojão ballas. Bombas e granadas e que hoje são definidas como peças de artilharia antiga destinados ao tiro com alcances máximos relativamente curtos, sendo muitas vezes chamadas bombardas ou canhões de carregar pela boca.”* Nuno Valdez dos Santos, *Os Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, Texto não editado, 2011.

visitas a que assistimos, dado que possuem conhecimentos que não se encontram escritos em nenhum documento e que a sua experiência os levou a reter.

As fichas de inventário das Bocas-de-fogo entre os séculos XIV e XVI e que fazem parte do espólio do Museu Militar de Lisboa foram elaboradas com base primeiramente na análise das utilizadas atualmente na Instituição, nas primeiras fichas de inventário realizadas nos anos 60 do século XX e finalmente a partir das próprias características das peças. Após esse estudo e uma vez que, apenas o Primeiro-Sargento Magro tem acesso ao *In Arte Premium* achou-se por bem criar um modelo de inventário exclusivo da Coleção de Artilharia dos Séculos XIV a XVI, uma vez que a existente destina-se a várias tipologias de objetos.

- **Estado da Arte**

Os trabalhos na área do Património Militar são variados mas dão maioritariamente enfoque às várias fortificações, espaços acastelados e amuralhados espalhados por Portugal bem como pelos lugares que foram outrora de domínio português.

No que diz respeito à Artilharia Histórica, o assunto está relativamente estudado, embora as obras que a ela se referem se tornem um pouco repetitivas, sendo de décadas recuadas e na sua maioria elaboradas por militares. Este aspeto faz com que a informação daí resultante chegue a um público reduzido, isto é, o militar, e à minoria que se interessa pelo assunto. Para este tema existem diversas obras que tratam desde o início da Artilharia Neurobalística ao aparecimento da Artilharia Pirobalística, exemplos disso são: *Memoria sobre a Antiguidade do Emprego da Artilharia em Hespanha, e Remota data da Sua Introdução em Portugal*, do autor F. Carvalho; *Artilharia*, de Marino da Cunha Sanches Ferreira; *A Artilharia de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, do Coronel Valdez dos Santos, referindo apenas os que mais foram consultados para a realização deste Relatório de Estágio. Estes exemplos abordam a Artilharia não só em Portugal mas no Mundo.

Foram ainda consultadas as obras estrangeiras: *L'Artillerie Française au XV^e Siècle*, do autor Ernest Picard; *La Artilleria Española en el Siglo XV*, do autor Julian Garcia Sanchez, e ainda, *Cannon: The Conservation, Reconstruction and Presentation of Historic Artillery*, de Austin Carpenter. Nestas obras é igualmente trabalhada a história da artilharia, sendo esta última mais técnica, mostrando as tipologias das diversas bocas-de-fogo.

Em Portugal, alguns foram os trabalhos académicos, nomeadamente teses, que se debruçaram sobre Museus Militares Portugueses e sobre o próprio Museu Militar de Lisboa. Primeiramente, *A Génese de um Museu: do Arsenal do Exército ao Museu Militar* (2002), de Maria Teresa Rodrigues de Almeida Correia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, tratou o Arsenal do Exército e a criação do Museu Militar de Lisboa, bem como todos os seus constituintes. Mais tarde, por Francisco António Amado Rodrigues, através da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, surgiu a obra *Uma Nova Rede de Museus para o Exército Português* (2005), onde tentou perceber quantas dependências museológicas possui o Exército Português bem como as suas atividades, tendo por base a *Lei-Quadro dos Museus Portugueses*. Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2009, Maria Emília Pires Nogueiro apresentou os resultados da sua investigação sob o título *Museu Militar de Bragança: Fundação; Práticas Museológicas*, onde tratou o edifício do Museu Militar de Bragança tendo igualmente em conta a *Lei-Quadro dos Museus Portugueses*. Na Universidade de Évora, no ano de 2010, por Patrícia Isabel Janarra Machado foi apresentado um Relatório de Estágio sobre o Museu Militar de Elvas, onde apresentou um Plano de Conservação Preventiva para o mesmo. Por último, em 2012 foi realizada a investigação de Mariana Jacob Teixeira, intitulada *A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (DHCM - Exército)*, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que tratou todos os museus que estão sob a tutela da DHCM, as suas origens e evolução, bem como das suas coleções, abordando ainda novas práticas para as mesmas dentro de cada museu.

Sem ser diretamente relacionado com o tema deste Relatório mas de modo a conhecer outros espaços militares bem como aspetos da sua valorização, considerou-se

a dissertação de Maria Antónia Ferreira, intitulada *De Memória de Espaço Régio a Escola Prática de Artilharia: Um Património a Conhecer, Preservar e Valorizar*, do departamento de História da Universidade de Évora. Nesta é tratada a evolução arquitetónica de um Palácio Real que foi transformado na Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas, bem como o papel de destaque que esta Unidade Militar desempenhou na própria cidade, sendo assim considerada relevante a valorização deste espaço nos dias de hoje.

Para a questão da inventariação foram tidos em conta os dois modelos de fichas de inventário utilizadas no Museu Militar de Lisboa, isto é, as da autoria do General Henrique Pereira do Valle, intituladas *Fichas de Classificação*, realizadas no ano de 1960 e as elaboradas pelo Primeiro-Sargento Magro, através do programa *IN ARTE PREMIUM*⁴, intituladas Fichas de Inventário de Objetos, utilizadas desde 2011 na Instituição. Relativamente às obras utilizadas para este assunto consideraram-se dois, ou seja, *Guidance on Inventory and Documentation of the Cultural Heritage*, de John Bold e outros autores (2009) e *Normas Gerais de Inventário – Artes Plásticas e Artes Decorativas*, das autoras Elsa Garrett Pinho e Inês da Cunha Freitas (2000).

- **Objetivos**

Neste Estágio tratar-se-á um conjunto de peças que até este trabalho tinha sido estudado de forma pouco aprofundada, sendo referido de forma breve em bibliografia na maior parte das vezes referente ao Museu Militar. O objetivo primacial deste Relatório de Estágio e de toda a investigação realizada será atualizar e condensar a informação relativa à coleção da artilharia histórica portuguesa no Museu Militar de Lisboa num só documento, mostrar como o património militar é um importante nicho patrimonial a preservar, bem como contribuir com algo inovador e pertinente para o mundo académico e militar, transmitindo-o a diversos públicos.

⁴ Este programa irá ser explicado adiante no *Capítulo III – Estágio em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural no Museu Militar de Lisboa*, mais propriamente no ponto 2.1 - *A Coleção de Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Elaboração das Fichas de Inventário*.

A partir do estudo e de inventariação das peças artilheiras alvo do presente trabalho pretende-se apresentar uma proposta de salvaguarda e valorização da coleção formada pelos exemplares de artilharia já referidos, que será valorizada sobretudo pela dinamização do espaço bem como de novas práticas para acompanhar as tendências da Museologia actual. Talvez seja este um dos motivos pelo qual um espaço museal já antigo, e que aborda uma parte tão importante e significativa da História de Portugal, não pertença à Rede Portuguesa de Museus.

Pretende-se ainda mostrar que a valorização do Museu Militar de Lisboa no seu conjunto e a do espólio militar tratado neste trabalho, constituem um importante Valor Patrimonial que deve ser preservado e valorizado, possibilitando o conhecimento das práticas de outrora, uma vez que o mundo da artilharia, apesar de ser frequentemente remetido para casos de força e poder destrutivo, tem uma dimensão artística, sendo diversas as decorações que muitos exemplares de artilharia apresentam.

- **Estrutura do Relatório**

No primeiro capítulo intitulado *O Museu Militar de Lisboa* será apresentada a Instituição que é o Museu Militar de Lisboa, fazendo-se a resenha histórica do edifício, sendo depois abordado enquanto instituição em si, isto é, a sua tipologia, vocação, relação com outros museus, a Coleção, que aqui será considerada como todo o acervo exposto pelas várias salas e também o que se encontra nas Reservas. Neste ponto explicar-se-á ainda o método de incorporação, as práticas de inventariação e a conservação dos objetos, bem como as políticas de contacto com o público adotadas pelo Museu, nomeadamente os serviços educativos, as exposições, publicações, *workshops*, conferências e ainda as visitas guiadas. Far-se-á igualmente uma breve referência a três exemplos estrangeiros pertinentes, isto é, o *Museo del Ejército* em Madrid, o *National Army Museum* em Londres e o *Museo del Canarias* nas Canárias, finalizando o Capítulo I com uma pequena comparação entre estes e o Museu Militar de Lisboa.

O capítulo II é dedicado à *Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI* e à sua contextualização histórica, onde serão abordados os factos históricos de cariz político-diplomático mais relevantes dos três séculos citados, bem como as utilizações e características militares da artilharia nesse período.

No capítulo III, intitulado *Integração no Local de Estágio* serão explicadas as razões pelas quais a realização do Estágio teve lugar no Museu Militar de Lisboa e também as atividades realizadas durante as 363 horas constituintes do mesmo. Aqui será introduzido o tema das *Fichas de Inventário*, onde serão abordados aspetos importantes referentes às suas alterações ao longo dos anos dentro do museu em estudo e as razões que levaram à sua realização durante o presente Estágio, justificando a escolha dos seus campos e a forma como serão ainda apresentadas neste capítulo, que se concluirá com a aplicação das mesmas a duas peças de artilharia, apenas a título de exemplo.

Por fim, e constituindo a parte mais extensa do Relatório, encontrar-se-á o Capítulo IV, intitulado, *Salvaguarda e Valorização da Coleção de Artilharia Histórica: Séculos XIV a XVI no Museu Militar de Lisboa*, onde será apresentado o Património Militar em Portugal, embora que de forma breve. Neste também se conhecerão as propostas de salvaguarda e valorização que possam dinamizar a Coleção *Artilharia Histórica, séculos XIV a XVI*, do Museu Militar de Lisboa. Estas compreenderão a revisão das tabelas de cada peça, a reformulação do *site* do Museu e a realização de uma catalogação das peças constituintes da Coleção, integrada no *site*. Serão ainda sugeridas algumas recomendações, quer em relação à Coleção e ao Museu que a tutela quer em relação ao património militar.

Importa referir que no Capítulo destinado aos *Anexos*, será apresentado a *Localização das Bocas-de-fogo no Museu Militar de Lisboa* e a sua disposição nas salas do mesmo, as *Fichas de Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI*, as *Tabelas reformuladas da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI* e finalmente o *Site reformulado do Museu Militar de Lisboa*.

Dado o volume destes documentos aquando da sua impressão, por questões de comodidade, achou-se por bem que fossem apresentados frente e verso de modo a que a sua consulta fosse facilitada.

Capítulo I

*«Ide ver o vosso Museu portuguezes e devagar
atentae bem na vossa história militar »*

Coronel Mello Vaz de Sampaio (Sobre o
Museu Militar de Lisboa - Início do séc. XX)

CAPÍTULO I – O MUSEU MILITAR DE LISBOA

1. Contextualização Histórica do surgir do Museu: breve panorâmica

O atual espaço conferido ao Museu Militar de Lisboa possui uma importante história que andou a par com a história de Portugal. Sendo com D. Manuel I que naquele espaço, exterior à muralha fernandina e junto à praia, começaram a ser construídos vários armazéns destinados ao armazenamento de material de guerra, oficinas destinadas ao fabrico de pólvora e fundições de artilharia. Estas edificações constituíram, já na altura, um “complexo industrial” de elevada importância, ficando a cargo do Exército, e a que foi dado o nome de *Tercenas das Portas da Cruz*, enquanto aos armazéns destinados à fundição foi dado o nome de *Fundição de Baixo*, uma vez que se localizavam nos baixos edifícios.

D. João III continuou o trabalho do seu antecessor e durante o período do domínio Filipino (1580-1640), devido à monarquia dual, a fundição passou a fundir apenas armas destinadas aos exércitos castelhanos, tendo sido durante este domínio denominada *Fundição dos Castelhanos*.

No mês de Dezembro do ano de 1640, devido à Restauração da Independência que pôs cobro à monarquia dual da Dinastia Filipina⁵, notou-se a necessidade de impulsionar o fabrico de mais e melhor armamento e pólvora originando a que o espaço industrial fosse aumentado, sendo assim criada a *Tenência*⁶, com sede por cima da *Fundição de Baixo*.

Até ao mês de Julho de 1726 o funcionamento do complexo não sofreu alterações por demais, mas por esta altura devido à ocorrência de um vasto número de incêndios na cidade de Lisboa e ao facto de um dos mais destrutivos ter atingido as oficinas e os armazéns das *Tercenas*, o rei D. João V teve que ordenar a reconstrução do edifício, tendo em conta o gosto da época. Este processo de reconstrução, além de

⁵ MATTOSO, José, *História de Portugal Vol. 4 – O Antigo Regime*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

⁶ Nova repartição de fundição, tendo por responsável um tenente-general de artilharia, daí o nome ‘Tenência’.

reestabelecer as oficinas, instituiu uma nova função para o edifício, embora que embrionária, isto é, achou-se importante que fossem criadas igualmente salas de armas. Poucos anos mais tarde, com o Terramoto de 1755, catástrofe que avassalou tão fortemente a cidade de Lisboa, fez com que as obras das *Tercenas* se vissem atrasadas⁷.

Os danos causados pela catástrofe na cidade foram imensos e remediá-los foi uma ação bastante demorada. Após longas ações de limpeza e de algumas reconstruções estarem concluídas e outras encontrarem-se em processo de concretização, D. José, no ano de 1760, ordenou assim a reconstrução do complexo industrial militar, dando igualmente continuidade às obras de restauro iniciadas por D. João V.

Quatro anos mais tarde, o Conde de Lippe⁸ determina que a antiga *Tenência* se passasse a denominar *Real Arsenal do Exército*. O edifício, devido à sua nova denominação, sofreu nova campanha de restauro que se estende por inúmeros anos. Segundo decreto de 13 de Dezembro de 1869, o *Real Arsenal do Exército* sofre a sua primeira extinção, sendo estabelecida a *Direção Geral de Artilharia*, responsável pela *Fundição de Cima*, *Fábrica de Armas de Santa Clara* e pela *Fábrica de Pólvora de Barcarena*.

Finalmente é em 1842, com a resolução do então inspetor do *Arsenal do Exército*, o Tenente-general José Baptista da Silva Lopes, Barão de Monte Pedral, que o espaço foi organizado por categorias, sendo elas, armas de fogo portáteis e brancas, modelos de máquinas, peças de artilharia e outros objetos raros e curiosos. Estas coleções foram, devido à falta de condições de conservação nas instalações, distribuídas não só pelo espaço do atual Museu Militar de Lisboa mas também pelas *Repartições de Santa Clara*, *Fundição de Baixo* e *Fundição de Cima*.

⁷ *Military Museum Lisbon*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1999.

⁸ Frederico Guilherme Ernesto de Lippe-Schaumbur-Bückeurg, nascido em Londres no ano de 1724. Conde soberano de Schaumburg-Lippe, sendo conhecido em Portugal como Conde de Lippe. Em 1762 chega a Portugal. Possuiu ainda o título de Marechal General dos Exércitos de Portugal e Field-Marshal dos Exércitos da Grã-Bretanha.

Em 1895, já existindo uma sistematização na arrumação, o *Real Arsenal do Exército* renasce, tendo a competência de adquirir, construir, reparar e conservar o material de guerra.⁹

A origem e desenvolvimento do atual Museu Militar de Lisboa encontram-se, diretamente ligados ao *Real Arsenal do Exército*, não só pelo facto de partilhar o mesmo espaço físico mas também pelo aproveitamento e exposição do espólio existente no *Real Arsenal do Exército*.

A nível de intervenções construtivas, dado que este Museu possui uma longa história que acompanha o próprio desenvolvimento da cidade e do próprio Exército, torna-se pertinente indicar pelo menos as mais significativas. Assim sendo, sem esquecer as alterações da sua traça pela mão de D. João V e D. José, devido a inúmeros incêndios e ao grande terramoto de 1755, outras foram as intervenções que marcaram a harmonia construtiva do edifício. Repare-se nas imagens apresentadas abaixo (Figuras 1 e 2), a primeira datada antes de 1905 onde a entrada Oeste do Museu é constituída por um portão e muro com ameias, e a segunda datada após 1908, data em que foi colocado o grupo escultórico, da autoria de Teixeira Lopes¹⁰ e intitulado "A Pátria", encimando o pórtico que foi construído em 1905, bem como a ala Oeste, hoje parte integrante da exposição.

Outra alteração importante foi a construção do varandim na ala Sul do Museu, como se pode verificar nas imagens seguintes (Figuras 3 e 4), datadas de 1898 e 1907.

Já mais recentes e embora não tão significativas, são as intervenções que ocorreram a cargo da DGEMN¹¹ entre 1961 e 1987, abrangendo reparos de infiltrações

⁹ *Military Museum Lisbon*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1999.

¹⁰ António Teixeira Lopes, escultor português. Nasceu em Vila Nova de Gaia a 27 de Outubro de 1866 e faleceu em Alijó a 21 de Junho de 1942. O primeiro contacto que teve com a escultura foi na oficina do seu pai. Em 1882 frequentou a Academia Portuense de Belas-Artes e três anos mais tarde foi para Paris onde frequentou a *École des Beaux-Arts*, ganhando nesta vários prémios. Em 1900 participou na Exposição Universal de Paris onde ganhou um *Grand Prix* e a condecoração de Cavaleiro da Legião de Honra. Foi professor de escultura na Academia Portuense de Belas-Artes até 1936. Grande escultor português com diversas obras em Portugal e no Brasil.

¹¹ "Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) era o Serviço Central do Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território do governo de Portugal, com as atribuições de salvaguarda e valorização de património arquitetónico e de instalação de serviços públicos.

de água, tetos, instalações elétricas e pinturas exteriores. A cargo da Câmara Municipal de Lisboa esteve no ano de 1998 o projeto de iluminação das fachadas do museu¹².



Figuras 1 e 2 – Vistas do lado Oeste do Museu Militar de Lisboa, datadas de 1898 – 1905 (esquerda) e após 1905, data em que foi construído o Pórtico de Carlos Mardel (direita). Fotos doadas pelo Coronel Luís Sodré de Albuquerque, diretor do Museu Militar de Lisboa



Figuras 3 e 4 – Vistas do lado Sul do Museu Militar de Lisboa, datadas de finais do século XIX (esquerda) e de 1907 mostrando já o varandim (direita). Fotos doadas pelo Coronel Luís Sodré de Albuquerque, diretor do Museu Militar de Lisboa.

Em Maio de 2006, o Ministério da Cultura investiga a viabilidade da fusão do DGEMN com o Instituto Português do Património Arquitetónico, cuja origem estará em possíveis descoordenações e cortes orçamentais. Pelo D.L. nº 223/2007 de 30 de Maio, esta direção foi integrada no Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, IHRU, no que diz respeito à intervenção sobre o património habitacional não classificado e ao desenvolvimento e gestão do Sistema de Informação para o Património (SIPA).”

¹² http://www.monumentos.pt/Site/APP_Pa5gesUser/SIPA.aspx?id=3142, acesso a 25 Setembro 2013

2. Caraterização da Instituição

A intervenção do Barão de Monte Pedral foi de extrema importância para a consolidação do espaço enquanto Museu, sendo que em 1851 é então criado o *Museu de Artilharia*, que até 1869, teve como diretor o mesmo Barão que tanto contribuiu e dedicou a sua vida a esta causa. O término da direção do Tenente-general José Baptista da Silva Lopes coincidiu com a extinção do *Arsenal do Exército*, do qual era inspetor, assim a direção do “novo museu” passou a estar sob a alçada do diretor da *Fábrica de Armas*.

Nesta altura tornou-se urgente repensar a questão da dispersão dos vários objetos, constituintes do acervo do Museu e de considerado valor histórico, pelas *Repartições de Santa Clara* e pela *Fundição de Cima*. Assim, em 1876, essa parte do acervo foi transferida para o *Colégio dos Aprendizes do Arsenal*, sendo esse espaço atualmente o edifício principal do *Estado-Maior do Exército*. A direção ficou a cargo do então Capitão Eduardo Castelo Branco.

As medidas tomadas até aqui, no que dizia respeito à dispersão dos objetos, foram ao encontro do pretendido mas ainda não bastava, isto é, embora mais próximas e menos dispersas, as coleções encontravam-se separadas. Esta constatação fez com que fosse necessário proceder a vários ajustes no edifício da *Fundição de Baixo*, finalizando-se as obras iniciadas no século anterior. O edifício passou a deter instalações próprias a partir do último quartel do século XIX e já no século XX, mais propriamente a 21 de Agosto de 1926, o então *Museu de Artilharia* passa a denominar-se *Museu Militar*.¹³

O Museu Militar de Lisboa é um dos mais antigos de Portugal e como tal passou por algumas fases que refletem as correntes museológicas coevas, acompanhando o gosto Europeu. É necessário não esquecer que este Museu pertence e sempre pertenceu a uma Instituição bastante fechada, motivo que fez com que várias configurações tivessem maior dificuldade de aplicação, originando assim um Museu que, embora seja de uma beleza e história comparável a poucos no país, seja igualmente

¹³ <http://www.exercito.pt/sites/MusMilLisboa/Historial/Paginas/default.aspx>, acesso a 10 Outubro 2012

um Museu que se encontra um pouco perdido no tempo. Esta constatação indica, também, que as suas práticas museológicas estão ligeiramente aquém em relação a outros museus portugueses e a estrangeiros, como se poderá ver no Ponto 3 do presente capítulo. Atualmente nesta Instituição nota-se uma profunda vontade de aperfeiçoamento das suas práticas, por parte dos seus responsáveis, procurando conferir-lhe a visibilidade que outrora teve.

Sob o ponto de vista conceptual, a definição de *Museu* e como consequência a definição de *Museu Militar*, sofreram alterações ao longo do tempo. Evoluções essas que se caracterizam por, no início se possuir apenas uma pulsão de colecionar vários objetos, de tipologias igualmente variadas, buscando a sua fruição estética e homenageando a sua memória, abrangendo este período os séculos XIV, XV e XVI, onde aparecem as primeiras coleções privadas, nomeadamente as reais¹⁴. Estas mesmas coleções encontravam-se ainda em *Gabinetes* e *Galerias*, de cariz igualmente privado, onde existia um mercado horror ao vazio, sendo que este era preenchido até à exaustão, originando um aparente caos cenográfico. Nestes *Gabinetes* e *Galerias* eram colocados

¹⁴ Mostrando apenas três exemplos de coleções reais que posteriormente se tornaram museus, ou de museus que têm na sua Coleção objetos que pertenceram a coleções reais:

1 - Museu Nacional de Belas-Artes da Suécia em Estocolmo expõe várias coleções de arte europeia que começaram a ser formadas partir do século XVI pelo rei Gustav Vasa no Castelo Gripsholm. Foram ampliadas por posteriores doações, aquisições e pelo espólio de guerra, no século XVII, quando a Suécia era uma potência militar.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_de_Belas-Artes_da_Su%C3%A9cia, acesso a 10 Outubro 2013)

2 - Museu do Louvre é outro exemplo que foi constituído também por coleções reais. Entre 1750 e 1785 foi realizada uma exposição de obras-primas presentes nas coleções reais. Esta ao ter grande sucesso fez com que o Palácio do Louvre se tornasse um museu permanente. Em 1793 foi assim inaugurado o *Museu Central das Artes* sendo o seu acervo constituído principalmente por pinturas confiscadas à Família Real e aos aristocratas que fugiram durante a Revolução Francesa.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_do_Louvre, acesso a 10 Outubro 2013)

3 - Museu Arqueológico Nacional de Nápoles que expõe uma vasta coleção da Antiguidade, sendo inaugurado em 1615. No século XVIII a Coleção deste museu foi ampliada com a *Coleção Farnese* do Museu de Capodimonte e com várias coleções reais.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Arqueol%C3%B3gico_Nacional_de_N%C3%A1poles, acesso a 10 Outubro 2013)

objetos não pela relação que possuíam entre si, mas pelo elemento surpresa e pela cenografia¹⁵.

Nos séculos XVI e XVII, os *Gabinetes* e *Galerias* continuam privados, havendo uma abertura a um público restrito, isto é, às elites. Possuíam também por esta altura trabalhadores “especializados”, embora não com a conotação que é atribuída nos dias de hoje.

Só no século XVIII surge a ideia de *Museu*, e assim muitas das coleções privadas passam a ser públicas, sendo a partir da segunda metade deste século comparticipadas pelo Estado. Nesta altura o *Museu* tem três características, isto é, tinha que ser público, permanente e profissional. Relativamente às coleções de armas e à sua passagem de um cariz estritamente privado para um mais público, serviram para aprendizagem das elites militares, como é exemplo o próprio Museu Militar de Lisboa onde a partir da sua organização por salas, ou seja, desde o ano de 1842, passou a ser possível a deslocação dos cadetes ao museu, no âmbito da sua formação, ficando assim com um maior conhecimento da História de Portugal e da evolução do armamento¹⁶.

No século XIX, acompanhando as alterações da Europa, os museus vão sofrer igualmente alterações. Na primeira metade deste século ocorrem várias invasões, há um acréscimo de violência, dá-se a implantação do Liberalismo e nota-se um *boom* da Burguesia. Na segunda metade do mesmo século serão sentidas as influências da Revolução Industrial (1760 – 1820/40). Começa nesta altura a sentir-se um clima de maior pacificação e afirmação dos grandes estados europeus, isto é, Inglaterra e Alemanha¹⁷.

Também no século XIX abrem os primeiros *Museus Militares*. Sendo espaços centrais da cultura, os museus são assim permeáveis e têm capacidade de adaptação às mudanças políticas, técnicas e económicas do país a que pertencem. Precisamente por

¹⁵ BRIGOLA, João Carlos, *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Séc. XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

¹⁶ BRIGOLA, João Carlos, *Perspectiva Histórica da Evolução do Conceito de Museu em Portugal*, Olhar em Aberto, Revista da APOM, 2003.

¹⁷ BENNET Tony, *The Birth of the Museum*. History, Theory, Politics, Routledge, Londres/Nova York, 1995.

estas capacidades, aos museus foi pedido que se tornassem “montras” do melhor de cada país, nascendo assim a ideia de *Museu Nacional*, ainda no século XIX. O Museu Militar de Lisboa, apesar de não ser um *Museu Nacional*, mostra as campanhas militares que os portugueses levaram a cabo ao longo da história, sendo classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 45 327, DG, 1.ª série, n.º 251 de 25 outubro 1963¹⁸.

Atualmente (2013) uma instituição para ser denominada e considerada como *Museu* deve responder a várias premissas patentes na *Lei-Quadro dos Museus Portugueses*¹⁹, estando presente no Artigo 3º, alínea 1, o seguinte:

- “ (...) *Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:*
- a) *Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;*
 - b) *Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.(...)”*

No que diz respeito aos *Museus Militares*, estes segundo o documento *Policy for Safeguarding the World Heritage of Small Arms and Light Weapons*²⁰ e a alínea 1 do artigo 3º do Capítulo I das *Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército* da Direção de História e Cultura Militar²¹, podem caracterizar-se como:

¹⁸ “Imóvel ou conjunto com valor tipológico, estilístico ou histórico ou que se singulariza na massa edificada, cujos elementos estruturais e características de qualidade arquitetónica ou significado histórico deverão ser preservadas. Incluem-se neste grupo, com exceções, os objetos edificados classificados como Imóvel de Interesse Público.” (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3142, acesso a 25 Setembro 2013).

¹⁹ Lei nº47/2004 de 19 de Agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses, Diário da República – I Série – A, nº125, 2004.

²⁰ Policy for safeguarding *the World Heritage of Small Arms and Light Weapons*, Graz, September 23th, 2011 (ICOMAM – International Committee of Museums and Collections of Arms and Military History).

²¹ Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército – Despacho nº96/08 de S. Exª General CEME, de 22 de Abril de 2008

“The role of museums is not limited to the passive display of objects. Firearms in their care are used for educational purposes that may include expert live interpretation and blank-firing of weapons, and the live-firing of weapons for forensic testing and research. It is therefore necessary for museums and collections to retain such arms in working order, a responsibility met by the high standard of security required of us. Such properly secured, documented and authorized collections, maintained in close co-operation with national authorities, represent no threat to arms proliferation.”

Policy for Safeguarding the World Heritage of Small Arms and Light Weapons,
2011

“O Museu Militar é um órgão de natureza cultural depositário e expositor do espólio de interesse histórico-militar, com possibilidade para garantir um destino unitário, designadamente a bens culturais militares e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventariação, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos educativos e lúdicos, incluindo o acesso regular ao público.”²²

Direção de História e Cultura Militar – 22 Abril 2008

Embora as definições anteriores se apliquem a um conceito de “museu moderno”, tal como já foi referido, em 1851 o espaço museológico em questão passou a ser designado *Museu de Artilharia*. A partir desta altura passou a responder de uma forma simplista e em concordância com as práticas da época, às alíneas acima descritas. No dia 21 de Agosto de 1926 passou a ter a designação que ainda hoje possui, isto é, *Museu Militar* e com o passar dos anos as práticas foram sendo, consoante as possibilidades da Instituição, alteradas e melhoradas, chegando a um ponto de certa estagnação²³. Vejam-se assim as características museológicas atuais da Instituição, começando pelo seu organograma:

²² Direção de História e Cultura Militar - *Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército*, Capítulo I, artigo 3º, alínea 1.

²³ *Artilharia Histórica Portuguesa Fabricada em Portugal*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1998.

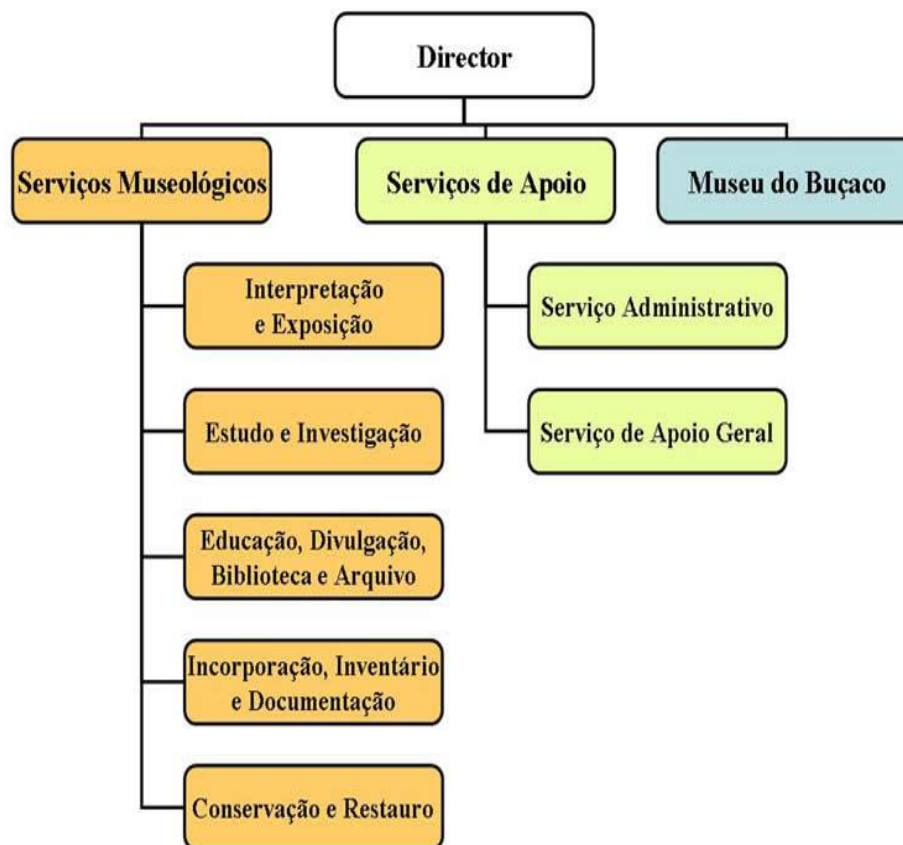


Figura 5 - Organigrama do Museu Militar de Lisboa. Encontra-se desatualizado uma vez que, acima do Diretor do Museu Militar de Lisboa está a Direção de História e Cultura Militar que por sua vez está sob a alçada do Ministério da Defesa. De si não depende apenas o Museu Militar do Buçaco, mas também a Reserva do Entroncamento (Coleção Visitável) e a Sala dos Gessos em Lisboa.

- Tipologia – Museu aberto²⁴;
- Vocação – Vocação Nacional. Expõe coleções de artilharia, escultura, pintura, significativos para a História de Portugal levados a cabo pelo Exército;
- Tutela – Direção de História e Cultura Militar (DHCM), Ministério da Defesa;
- Coleção – Acervo com mais de 10 mil peças;
 - Azulejaria, Escultura, Pintura, Artes Decorativas, Fardamento, Armamento;
- Incorporação:

²⁴ Museu que possui uma exposição permanente que raramente é alterada, embora esteja aberto à receção de novas peças para integrar o seu espólio. Não há rotatividade nas peças pertencentes à exposição permanente, pois não há técnicos especializados que se encarreguem de inventariar o espólio de modo a poder expô-lo.

- Transferência - Grande parte do acervo é proveniente das instalações de Santa Clara²⁵, pela mão do General Castelo Branco;
- Doações – Militares e familiares de militares;
- Inventariação:
 - IN ARTE PLUS (www.inarte.pt) – antiga base de dados do Museu Militar;
 - IN ARTE PREMIUM – Utilizado desde 15 de Setembro de 2011, esta nova base de dados engloba os Museus Militares de Portugal (Lisboa, Elvas, Bragança, Porto, Madeira e Açores), de modo a existir uma linguagem homogénea;
- Relação com outros Museus – Museu Polinucleado, tendo sob a sua alçada o Museu Militar do Buçaco, a Reserva do Entroncamento (Coleção Visitável) e a Sala dos Gessos em Lisboa. Ainda faz empréstimos de peças do seu acervo de modo a integrarem exposições, sejam nacionais ou internacionais;
- Recursos Humanos – 26 funcionários
 - Direção – Diretor: Coronel Luís Sodré de Albuquerque;
Subdiretor: Tenente-Coronel Tomás;
 - Serviços Museológicos:
 - Responsável: Major António Mendonça;
 - Responsável da Secretaria: Alferes Ana Soares;
 - Responsável Inventário: Primeiro-Sargento Magro;
 - Serviços Educativos – Responsável: Alferes Ana Soares;
 - Serviços de Apoio – Responsável: Major António Mendonça;
 - Recursos Humanos – Responsável: Sargento-Ajudante Rodrigues;
 - Logística – Responsável: Assistente técnica Elsa Cavaleiro;
 - Loja – Responsável: Assistente operacional Clara Magrinho;

²⁵ Nomeadamente armas de fogo portáteis e brancas, modelos de máquinas, peças de artilharia e outros objetos raros e curiosos, que em 1842, a mando do então inspetor do *Arsenal do Exército*, o Tenente-general José Baptista da Silva Lopes, Barão de Monte Pedral, foram colocadas nas instalações de Santa Clara.

- Gabinete de Relações Públicas – Assistentes técnicas
Conceição Peralta e Maria José Lavado;
- Acervo Museológico:
 - Responsável: Major António Mendonça;
 - Encarregados: Primeiro-Sargento Lourenço e Primeiro-Sargento Ribeiro;
- Praças:
 - Vítor Vicente (Serviços Museológicos);
 - Ana Freitas (Serviços Museológicos);
 - Paulo Cardoso (Serviços de Apoio);
 - Vítor Castro (Serviços Museológicos/Apoio);
 - Tiago Costa (Serviços Museológicos/Apoio);
 - Cristiana Lobo (Serviços de Apoio);
 - Ângela Gonçalves (Serviços de Apoio);
- 4 Assistentes operacionais vigilantes;
- 3 Assistentes operacionais limpezas;
- Recursos Financeiros:
 - Janeiro a Dezembro 2012
 - Receitas Próprias: 96 659,96€²⁶
 - Despesas totais: 21 057,92€
 - Lucro: 75 602,04€
 - Janeiro a Julho 2013
 - Dados tratados no final do ano
- Plano de Segurança – Militar e Museológico (Segurança física, Incêndios e Catástrofes);
- Públicos²⁷:
 - Janeiro a Dezembro de 2012

²⁶ Contemplam bilhetes, prestação de serviços, aluguer de espaços, receitas da venda de publicações e de outros produtos.

²⁷ Não há informação referente aos visitantes que são acompanhados por um guia e aos que não o são. É fornecido a cada visitante/grupo um desdobrável com informação do Museu e em cada sala a informação que há é relativa a algumas peças, havendo uma lacuna neste campo, uma vez que deveria existir pelo menos folhas de sala com informação pertinente.

- Grupos Escolares: 2360 visitantes
 - Outros Grupos: 1538 visitantes
 - Investigadores: 215 visitantes
 - Entradas Gratuitas²⁸: 6227 visitantes
 - Militares: 1145 visitantes
 - Outros: 5082 visitantes
 - Entradas pagas²⁹: 6978 bilhetes
 - Visitantes Estrangeiros: 4131 visitantes
 - Visitantes Nacionais: 4918 visitantes
 - Total: 19 389 visitantes
- Janeiro a Agosto de 2013
 - Grupos Escolares: 1609 visitantes
 - Outros Grupos: 596 visitantes
 - Investigadores: 151 visitantes
 - Entradas Gratuitas: 3337 visitantes
 - Militares: 551 visitantes
 - Outros: 2786 visitantes
 - Entradas pagas³⁰: 4563 bilhetes
 - Visitantes Estrangeiros: 2751 visitantes
 - Visitantes Nacionais: 2199 visitantes
 - Total: 11 194 visitantes
- Sala mais Visitada – Sala da Grande Guerra (1914 - 1918)

²⁸ Contemplam escolas do Concelho de Lisboa; lares da 3ª idade; Instituições de solidariedade; visitas feitas aos domingos de manhã; crianças até 6 anos; militares na situação do ativo, reserva ou reforma e respetivo agregado familiar; funcionários civis do Exército e respetivo agregado familiar e membros da Liga de Amigos e mecenas do Museu Militar de Lisboa.

²⁹ No ano de 2012, relativamente aos bilhetes emitidos há a seguinte informação: Bilhetes Normais (adultos dos 18 aos 64 anos – 3€) – 5033 unidades; Meios-bilhetes (7 aos 17 anos e adultos > 65 anos – 1€) – 1661 unidades; Bilhetes Familiares (1 adulto+1 jovem – 3,50€; 1 adulto+2 jovens – 4€; 1 adulto+3 jovens – 4,50€; 1 adulto+4 ou mais jovens – 5€; 2 adultos+1 jovem – 4,5€; 2 adultos+2 jovens – 5€; 2 adultos+3 jovens – 5,5€; 2 adultos+4 ou mais jovens – 6€) – 202 unidades (não sabendo ao certo a quantas pessoas corresponde, nem quanto dinheiro ao certo foi coletado pois estes bilhetes são contabilizados enquanto “grupo”).

³⁰ Relativamente às entradas pagas, a informação não se encontra detalhada sendo assim impossível apresenta-la como se verifica na nota de rodapé anterior.

➤ Publicações – Apogeu entre os anos 30 e 50 do século XX. Atualmente esta prática encontra-se quase extinta.

- Janeiro a Dezembro 2012
 - Folheto/Desdobrável
 - Catálogo/Brochura

O Museu Militar Lisboa é o principal museu militar de Portugal, uma vez que todos os outros são constituídos por objetos que outrora pertenceram ao seu acervo, havendo ainda a necessidade de ter em conta que muitos desses objetos ainda se encontram a título de empréstimo ou depósito em várias coleções de instituições militares, como é exemplo a Academia Militar, a Escola Prática de Artilharia, as Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento, e ainda em instituições civis, fazendo parte destas a Fundação Alter Real, o Museu da Presidência da República, etc.

A organização das coleções do Museu Militar de Lisboa e a sua embrionária inventariação tiveram início, como já foi referido anteriormente, por vontade do Barão de Monte Pedral e com a publicação da *Ordem da Inspeção-Geral nº224 de 15 de Novembro de 1842*, onde encarrega o Major João Carlos de Sequeira, então comandante da Repartição de Santa Clara de “classificar os modelos de máquinas, aparelhos e os objetos raros e curiosos que existem neste arsenal (Real Arsenal do Exército), na sala contígua à oficina nº 17 (Correios), ficando tudo a seu cargo” e ainda responsabiliza todo e qualquer funcionário, militar ou civil de se “tiver conhecimento da existência no mesmo (arsenal), de algum objeto próprio de ser guardado nos depósitos, (...) terá a bondade de o indicar por escrito à Secretaria da Inspeção”³¹.

Desta inventariação, não há provas físicas aparentes embora se tenham aproveitado informações que foram usadas no *Catálogo do Museu Militar de Lisboa*, publicado em 1930, nas *Fichas de Classificação*, datilografadas pelo militar Henrique Pereira do Vale no ano de 1960, bem como no *Guia de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa*, de 1979.

³¹ RODRIGUES, F. A. Amado, *Uma Nova Rede de Museus para o Exército Português*, Tese de Mestrado em Museologia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

Relativamente à organização do Museu em si, este é formado por uma cave, um piso térreo, um piso superior e um pátio, englobando vinte e sete espaços expositivos. A visita começa no piso térreo e organiza-se da seguinte forma:

Piso Térreo:

- Sala Vasco da Gama – Nesta, encontram-se expostos os mais antigos e belos exemplares de Artilharia presentes no Museu Militar, abrangendo os séculos XV e XVI. Como decoração das paredes, são apresentadas várias passagens d’*Os Lusíadas* através de telas alusivas à Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, da autoria do mestre pintor Carlos Reis³². O teto é composto por um fragmento de uma tela maior, de Manini³³, onde estão representadas três ordens militares, isto é, a Ordem de Cristo, a Ordem de Avis e a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito³⁴ (Figura 6).



Figura 6 – Ordem de Cristo, Ordem de Avis e a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

³² Carlos Reis, pintor português nascido em Torres Novas no ano de 1863. Foi professor de pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa. Responsável pela fundação da Sociedade Nacional de Belas Artes, pintou variados quadros, sendo alguns de grandes dimensões como são exemplo os painéis decorativos da Sala de Baile do Hotel Real do Buçaco e o retrato de D. Carlos que se encontra no paço de Vila Viçosa. Faleceu em Coimbra no ano de 1940.

³³ Luigi Manini nasceu em Cremona a 8 de Março de 1848, foi conde de Fragagna, arquiteto, pintor e cenógrafo italiano. Chegou a Lisboa no ano de 1879 e regressou a Itália em 1913. Entre as várias obras que deixou em Portugal destacam-se os excelentes trabalhos no Palácio Hotel do Buçaco, Quinta da Regaleira, Teatro São Luiz e em 1895 trabalhou na decoração do Museu Militar de Lisboa, revelando um ideário nacionalista com elementos do manuelino. Faleceu a 29 de Junho de 1936 na Bréscia.

³⁴ Das mais importantes ordens honoríficas portuguesas, sendo que a última é a mais importante e a que mais dificilmente seria entregue uma vez que, quem a recebia teria que ter realizado feitos heroicos e muito relevantes para a nação portuguesa. (<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=115>, acesso a 11 Junho 2013)

1º Piso:

- Peristilo – Fazendo a transição do primeiro para o segundo piso, o visitante depara-se com dois exemplares de armaduras de cavaleiro e montada, um de finais do século XV e outro de inícios do século seguinte. Ainda se podem admirar várias armas medievais, entre elas, escudos, massas, capacetes, etc.
- Sala das Guerras Peninsulares – Sala destinada ao período de 1807 a 1814, possui entre outros objetos, uma considerável tela do pintor Ramalho³⁵ mostrando um soldado português com o uniforme do primeiro centenário da Batalha do Buçaco³⁶ fazendo sentinela ao monumento comemorativo da data e imaginando como teria sido a batalha.
- Sala das Condecorações (1ª República) – Antecedendo a Sala da Grande Guerra e de dimensões um pouco reduzidas, encontra-se esta Sala onde estão expostas várias condecorações da 1ª República.
- Sala da Grande Guerra – Uma das salas mais visitadas de todo o Museu Militar de Lisboa, composta por dois espaços, expõe vários objetos utilizados durante a I Guerra Mundial (1914/1918) pelo Exército Português, onde se apreciam várias telas do pintor Sousa Lopes³⁷ que esteve ele próprio no campo de batalha, retratando assim episódios a que assistiu.

³⁵António Ramalho nasceu em 1858 em Barqueiros numa família pobre. Desde novo mostrou interesse pela pintura sendo discípulo de Silva Porto. Ficou conhecido por quadros de temática realista, onde abundam as paisagens marítimas e os retratos de mulheres e crianças. Faleceu em 1916.

³⁶Batalha travada a 27 de Setembro de 1810, entre as forças aliadas anglo-lusas, lideradas pelo Tenente-General Wellington e as francesas, pelo Marechal Massena. A batalha foi vencida pelas forças aliadas.

³⁷Adriano de Sousa Lopes nasceu no Vidigal, Leiria no dia 20 de Fevereiro de 1879. Foi um gravador e pintor modernista português. Em 1898 veio estudar para a Academia de Belas Artes em Lisboa, onde foi aluno de Veloso Salgado na disciplina de pintura e de Luciano Freire na disciplina de desenho. No ano de 1903 vai para Paris frequentar a *École Nationale des Beaux-Arts* e posteriormente a Academia *Julian*. Participa em diversas exposições no *Salon d'Automne* entre 1904 e 1912. Faleceu em Lisboa a 21 de Abril de 1944.

- Sala D. Maria II – Uma das salas mais ornamentadas do Museu, ostenta um retrato da Rainha D. Maria II pintado por Joaquim Rafael³⁸. Expõem igualmente várias espingardas e pistolas ricamente ornamentadas, do século XVIII.
- Sala D. José – Sem dúvida a sala mais ricamente ornamentada, uma vez que apresenta talha dourada, além do retrato do monarca. Nesta sala ainda se encontra o protótipo da estátua do monarca, que atualmente se encontra a ornar a Praça do Terreiro do Paço em Lisboa. Pode ainda ver-se algum armamento da época, nomeadamente pistolas.
- Sala D. João V – Um pouco à semelhança da sala anterior, esta apresenta igualmente um retrato do monarca bem como duas estátuas em talha dourada, uma representando Minerva e outra Neptuno. Tem ainda presente várias espadas do século XVII/XVIII.
- Sala Afonso de Albuquerque – Sala destinada a engrandecer os feitos de Afonso de Albuquerque, figura importante na conquista do Império Português no Oriente. Pode-se observar nesta sala, além do retrato do seu patrono, uma tela da autoria de Condeixa³⁹ retratando a Conquista de Malaca e ainda armamento do século XVIII.
- Sala D. João de Castro – Também D. João de Castro foi um importante personagem do Império Português no Oriente, estando presente o seu retrato nesta sala. Possui ainda várias armas de fogo e espadas, mostrando um pouco a sua evolução.
- Sala Portugal – Sala destinada a conferências ou a atividades oficiais. Apresenta algumas armas de fogo utilizadas pelo Exército Português ao longo dos tempos, podendo ver-se, entre outras a famosa arma

³⁸ Joaquim Rafael nasceu no Porto no ano de 1783. Foi pintor, cenógrafo, escultor, professor de desenho da Academia de Belas Artes de Lisboa e primeiro-pintor da Câmara e Corte. Pintou diversos painéis, entre os quais os painéis das igrejas de Santa Clara, dos Clérigos e da Lapa, todas no Porto, e esculpiu, entre outros, os bustos de D. João VI e de Carlota Joaquina existentes no Palácio da Ajuda.

³⁹ Ernesto Ferreira Condeixa nasceu em Lisboa a 20 de Fevereiro de 1858. Pintor retratista e de cenas históricas e discípulo de Miguel Ângelo Lupi. Foi para Paris estudar com Alexandre Cabanel, adotando o seu estilo na sua temática histórica. Membro do Conselho de Arte e Arqueologia, diretor e professor da Escola de Belas Artes de Lisboa. Faleceu em Lisboa a 2 de Agosto de 1933.

automática *Gewehr 3*, comumente designada por “G3”, utilizada na Guerra do Ultramar em 1960.

- Sala dos Capacetes (Europa) – Sala destinada à exposição de vários capacetes do século XIX, quer portugueses quer de outras nacionalidades.
- Salas África e Ásia – Atualmente são destinadas à exposição de duas grandes maquetas representativas das Fortalezas de Damão, isto é, Damão Grande e Damão Pequeno.
- Sala América (das Miniaturas) – Apresenta miniaturas relativas à evolução da artilharia desde o século XIV aos dias de hoje, muitas sendo protótipos das peças de dimensões reais.
- Sala das Lutas Liberais – Sala destinada às Lutas Liberais (1823/1834) que opuseram Absolutistas e Liberais. Estão expostas esculturas, peças de fardamento, armas, entre outros objetos que pertenceram a figuras importantes da época. Numa enorme tela, de Veloso Salgado⁴⁰, podem ser vistos os Reis D. Miguel e D. Pedro IV, os Duques de Saldanha e da Terceira, os Marqueses de Sá da Bandeira e de Fronteira, o Conde de Antas e José Jorge Loureiro e ainda Mouzinho da Silveira, o Duque de Palmela e por fim Almeida Garrett.
- Sala Camões – Sala em homenagem ao poeta Luís de Camões, estando presente um busto do mesmo da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro⁴¹ bem como quatro telas de Columbano⁴² evocando episódios d’Os Lusíadas (Concílio dos Deuses – Canto I; Vénus ajudando os navegadores

⁴⁰ José Maria Veloso Salgado nasceu em Espanha a 2 de Abril de 1864, naturalizando-se português no ano de 1887. A sua pintura distinguiu-se pelo retrato e pelas cenas históricas. Faleceu em Lisboa a 22 de Julho de 1945.

⁴¹ Rafael Augusto Prostes Bordalo Pinheiro nasceu em Lisboa no dia 21 de Março de 1846. Foi um artista português com uma obra vastíssima nas mais diversas áreas, entre elas, desenho, aguarela, ilustração, decoração, caricatura política e social, jornalismo e ensino. É da sua autoria a famosa representação popular do ‘Zé Povinho’, símbolo do povo português. Faleceu em Lisboa a 23 de Janeiro de 1905.

⁴² Columbano Bordalo Pinheiro (Lisboa - n. 1857 – f. 1929). Filho de um pintor e escultor português, Columbano foi pintor naturalista e realista. Após concluir os seus estudos na Academia de Belas Artes de Lisboa rumou a Paris, onde recebeu influências de Manet e Edgar Degas, igualmente pintores, notando-se estas na sua obra.

portugueses – Canto II; A morte de Inês de Castro – Canto III e O velho do Restelo – Canto IV).

- Sala da Restauração – Sala de passagem, apresenta entre outros, duas telas do Rei D. João IV e da Rainha Luísa de Gusmão, da autoria de Félix da Costa⁴³ e ainda dois canhões do século XVII da autoria do fundidor Bocarro.
- Sala Infante D. Henrique - Considerada uma das mais importantes salas do Museu Militar, em parte pela sua decoração. Nela encontramos alguns exemplares de artilharia e telas de Malhoa⁴⁴, relativas à História de Portugal relatadas n'Os Lusíadas.
- Sala Oriental – Sala com várias armas do Oriente bem como um canhão datado de 1773 com um reparo macaense decorado ao estilo da época.

Pátio:

- Pátio dos Canhões - Neste espaço estão presentes 102 magníficos exemplares de artilharia de bronze, na sua grande parte de fabrico português compreendendo os finais do século XVI até finais do século XIX. Ainda se encontram 27 painéis e medalhões de azulejos executados em 1944 pelo Capitão Victória Pereira. Estes representam figuras notáveis da História Militar Portuguesa.
- Sala das Exposições Temporárias – Dos mais diversos temas, mas na sua grande maioria relacionados com o tema militar.
- Sala das Bandeiras – Sala destinada à Guerra do Ultramar (1961/1974).

Caves:

- Caves Manuelinas - Parte mais antiga do Museu Militar de Lisboa. O visitante depara-se com bocas-de-fogo de origem portuguesa dos finais

⁴³ Félix da Costa (n. 1639 – m. 1712), filho do pintor Luís da Costa, tentou criar em Portugal uma academia de pintura ao estilo francês mas sem sucesso.

⁴⁴ José Vital Branco Malhoa nasceu nas Caldas da Rainha no dia 2 de Abril de 1855. Pintor, desenhista e professor. Aos 12 anos de idade entrou na Escola de Belas Artes em Lisboa. Realizou exposições não só em Portugal como no estrangeiro, nomeadamente em Paris, Madrid e Rio de Janeiro. Foi pioneiro do Naturalismo em Portugal. Faleceu em Figueiró dos Vinhos no dia 26 de Outubro de 1933.

do século XIV até aos últimos tubos de bronze fundidos em Portugal no século XX. Encontra-se igualmente neste espaço, o carro de grandes dimensões (*Zorra*) que transportou as colunas monolíticas que adornam o arco triunfal da Rua Augusta em Lisboa.

- Sala Mouzinho de Albuquerque – Espaço em homenagem a Mouzinho de Albuquerque, figura importante em Lourenço Marques, atualmente Maputo de 1890 a 1897, ano em que voltou para Lisboa e recebeu a condecoração Torre e Espada, uma das mais importantes e raras condecorações do Exército Português.

Piso Térreo:

- Sala D. Carlos – Apresenta um retrato do seu patrono da autoria de Félix da Costa, bem como azulejos pintados pelo próprio monarca, representando factos relacionados com a sua vida.
- Sala D. Álvares Pereira - Reservada ao grande episódio da História de Portugal, isto é, a Batalha de Aljubarrota de 1385, onde Portugal saiu vitorioso, bem como à figura de Nuno Álvares Pereira. Nesta sala encontram-se três exemplares de artilharia pirobalística dos séculos XIV e XV, alguns exemplares de armamento medieval e uma maqueta da estratégia usada no campo de Batalha.

Após esta breve referência às salas do Museu, é possível perceber que este, para além da temática militar, é bastante rico, imponente e importante para a História de Portugal uma vez que além da história que conta, tem em si vários trabalhos dos mais importantes artistas portugueses, ou seja, Columbano, Veloso Salgado, Malhoa, Rafael Bordalo Pinheiro entre outros. Em relação à questão do porquê de serem estes pintores e não outros, é bastante simples, pois foram estes que se destacaram no seu tempo. Columbano, pintor naturalista e realista, Condeixa que pintava Cenas Históricas, Veloso Salgado, retratista e também pintor de Cenas Históricas, Malhoa, seguidor do Naturalismo e Rafael Bordalo Pinheiro pelas suas capacidades de desenho. Pensa-se que todo este *Património Integrado*, isto é, as pinturas murais dos grandes artistas

enunciados anteriormente, que encontramos ao longo do Museu Militar de Lisboa, ou uma grande parte, foram realizados com a intenção de serem expostos no mesmo, embora esta questão não consiga ser esclarecida por falta de registos.

2.1. Práticas Educativas do Museu Militar de Lisboa

Os *Serviços Educativos* de um Museu são uma questão sobre a qual se deposita atenção desde finais do século XIX, uma vez que é a partir desta altura que o Museu é visto como um instrumento de forte componente educativa, podendo formar a comunidade através da exposição do seu acervo, de modo a suscitar interesse no público, e uma vez que se trata de um museu militar, demonstrar a importância das questões ligadas à história militar, em todas as suas vertentes (armas e munições, uniformes, estratégia militar, etc.) para a história do país.

O primeiro Serviço Educativo de que há memória foi implementado em 1880 no Museu do Louvre em Paris. Passados alguns anos, já no século XX, precisamente no ano de 1920, nos Estados Unidos da América foram realizadas inúmeras experiências relativamente a estes serviços que tiveram como resultado a constatação da importância destes num Museu.

Nestes Serviços estão englobadas as mais variadas atividades, entre elas, *exposições, visitas guiadas, workshops, conferências e publicações*, fazendo com que seja possível “ (...) oferecer ao público condições de melhor conforto em enquadramentos mais agradáveis, com Serviços Educativos, informativos, de restauração, de venda de livros e outros produtos casa vez mais atraentes (...)”⁴⁵, ou seja, estes Serviços têm como consequência a aproximação do *Museu*, seja ele de que tipo for, a um público-alvo ou mesmo a um mais generalizado.

Vendo o exemplo do *Museu Militar de Lisboa*, não há uma área física específica no edifício para a realização de atividades, embora existam algumas atividades que se

⁴⁵ BERGER, José, *O Serviço Militar. Os Jovens e os Museus Militares*, Jornal do Exército, 2008.

vão praticando, sendo a mais usual as visitas guiadas. Estas são acompanhadas por um militar, que pode ser o próprio Diretor do Museu, o Coronel Luís Sodré de Albuquerque, realiza as visitas de altas patentes e entidades do Exército, Chefes de Estado, Academia Militar, etc.; as visitas destes últimos podem também ser igualmente realizadas pelo Major António Mendonça, que também guia grupos de escolas e grupos de ex-militares, por exemplo. A Alferes Ana Soares devido à sua formação e interesse, realiza em grande parte as visitas de grupos escolares, realizando com eles algumas atividades, ou seja, pequenos questionários sobre o que foi visto no Museu ou mesmo alguns exercícios físicos, tentando aproximá-los, mesmo que de forma bastante ténue, à vida militar. Estas últimas visitas podem ainda ser asseguradas pelos soldados Ana Freitas e Vítor Vicente.

É visível da parte destes responsáveis pelas diversas visitas a vontade de desenvolver os Serviços Educativos do Museu Militar de Lisboa de modo a que se possa envolver a comunidade na vida do Museu, começando pelas crianças. Isto não tem sido possível devido a inúmeros fatores externos ao próprio Museu Militar, nomeadamente a falta de meios financeiros com que a Europa se depara atualmente, que fazem com que este não possa evoluir de forma a acompanhar as práticas de algumas instituições museológicas do país ou do resto da Europa, sendo de aplaudir o esforço, por parte desta equipa de que isso se concretize.

Quanto à Loja do Museu Militar, e nomeadamente os artigos que nela se podem adquirir, encontram-se: lápis, separadores para livros, *t-shirt's*, peluches, espadas, capacetes, etc. Tem ainda um espaço dedicado ao programa "*Uma História com...*" onde são vendidos lápis de cera, colares e pulseiras, personalizados com imagens militares destinadas a crianças.

Este Programa não é do Museu Militar mas sim da Arquiteta Barbara Guerreiro, que pediu para que estes objetos fossem vendidos na Loja do Museu. Este Programa ainda engloba a realização de festas de aniversário, nas Caves Manuelinas bem como no Pátio, dando a conhecer a crianças, entre os 3 e os 12 anos, episódios da História de Portugal, sendo cobrado pela Arquiteta Barbara Guerreiro a cada criança o valor de 7,5€. Nenhum deste valor é dado ao Museu, uma vez que este tem a gentileza de ceder o

espaço mas como não possui um protocolo para regulamentar estas atividades, agradece o facto de, no caso deste Programa, estar a mostrar às crianças e às suas famílias o seu espólio bem como a sua importância.



Figura 7 – Logótipo do programa “Uma História com...” (<http://www.umahistoriacom.com/> - 27 Agosto 2013)

No que diz respeito a publicações, estão também à venda na Loja do Museu mais de meia centena de exemplares, de autores nacionais e internacionais, os mais diversos títulos dentro do tema militar⁴⁶.

O Museu Militar de Lisboa foi outrora um grande editor, principalmente entre as décadas de 30 e 50 do século passado, dando a oportunidade de mostrar a diferentes públicos, eruditos ou leigos, várias matérias dentro do tema militar. Atualmente a prática de publicação por parte do Museu Militar encontra-se um pouco parada, sendo que no ano de 2012, como já referimos, apenas se publicaram exemplares nas áreas do Folheto/Desdobrável e Catálogo/Brochura.

3. Comparação com outros Museus Militares

Antes de se realizar a comparação propriamente dita é necessário responder ao porquê da escolha dos museus militares estrangeiros que em seguida serão apresentados.

⁴⁶ Por exemplo: José Augusto França, *Museu Militar – Pintura e Escultura*, 1996; *Artilharia Histórica Portuguesa fabricada em Portugal*, Museu Militar, 1998; António Lopes Pires Nunes, *O Castelo Estratégico Português e A Estratégia do Castelo em Portugal*, 1988; A. S. Pinto, J. C. A. Calçada e P. J. L. da Silva, *A Cavalaria na Guerra Peninsular*, 2009; Paulo Jorge Fernandes, *Mouzinho de Albuquerque – Um Soldado ao Serviço do Império*, 2010; Luís Costa e Sousa, *Alcácer Quibir – 1578 – Visão ou Delírio de um Rei?*, 2009.

O objetivo para este ponto do Relatório seria conseguir arranjar e posteriormente comparar o Museu Militar de Lisboa e as suas características com exemplos que se achassem mais completos, mas também, como é caso do último exemplo, apresentassem falhas que no exemplo português não se verificassem. Assim escolheu-se o *Museo del Ejército* de Toledo por ter um *site* que se achou bastante completo e apresentar uma baliza cronológica semelhante ao Museu Militar de Lisboa.

O *National Army Museum* foi escolhido pelas mesmas razões que o exemplo acima mencionado mas também, porque o seu *site* apresenta um *Catálogo Online*, ferramenta bastante valorizada pois facilita a consulta do acervo constituinte do museu.

Por fim, o *Museo Militar Regional de Canarias*, que além de apresentar igualmente características semelhantes ao Museu Militar de Lisboa, não possui *site*, apresentando apenas referências em alguns *sites* de turismo da região e no *site* do Ministério da Defesa Espanhol. Pode-se dizer que é um “não exemplo” para a comparação destinada ao assunto *Site* mas não deixa de ser um exemplo para as restantes características e até para a constituição de paralelos para as bocas-de-fogo alvo de inventariação.

Importa referir ainda referir que todos os exemplos têm uma vocação nacional sendo tutelados pelo Estado Maior do Exército de Terra e por sua vez pelo Ministério da Defesa tal como o Museu Militar de Lisboa, o que representa mais um fator abonatório para a escolha destes exemplos.

3.1. Museo del Ejército, Toledo

No ano de 1803 e por vontade de Manuel Godoy⁴⁷ é criado o Real Museu Militar de Madrid, hoje *Museo del Ejército*. Um ano antes foi criado o Pátio da Artilharia no

⁴⁷ Dom Manuel de Godoy y Alvarez de Faria Rios Sanchez Zarzosa nasceu em Badajoz no dia 12 de Maio de 1767. Filho de um coronel do Exército Espanhol. Com apenas 22 anos também ele se tornou coronel do mesmo exército. Além de militar foi ainda político, diplomata, duque de la Alcudia e de Sueca, príncipe de Bassano, chegando a receber o título de *Príncipe da Paz*. Homem de confiança de Carlos IV de Espanha e de sua esposa, a rainha Maria Luísa de Parma. Em Portugal foi Conde de Évora-Monte. Faleceu em Paris a 4 de Outubro de 1851. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Godoy, acesso a 5 Junho 2013)

Palácio de Monteleón⁴⁸ e é neste mesmo palácio que o Real Museu Militar se estabeleceu partilhando assim instalações com o núcleo da Artilharia, tendo a sua sede neste palácio de 1803 a 1816.

Pode assim dizer-se que este é um dos mais antigos museus de Espanha e é montra do *know-how* e do gosto sentido na Europa nessa época relativamente à conservação e difusão de espólio relacionado com o mundo militar. Por esta altura, um dos objetivos deste museu era possuir uma vertente didática de modo a apoiar a formação dos soldados, complementando o ensino das Academias Militares.

Em 1827 surge a necessidade de uma mudança sendo assim dividido o Real Museu Militar em dois núcleos independentes, isto é, o Museu de Artilharia e o Museu de Engenharia. Esta ação veio antever a criação de novos museus que se verificou no último terço do século XIX, entre eles o Museu da Intendência (1885), o Museu de Cavalaria (1889) e o Museu de Infantaria (1908), mantendo tal como o Museu de Artilharia e o Museu de Engenharia, funcionamentos independentes.

Já no século XX, em 1929, surgiu a vontade de criar um Museu que globalizasse todos os existentes mas teve que se esperar pela II República⁴⁹, sendo criado o Museu Histórico Militar, em 1932, incluindo já áreas para as Quatro Armas e para os Corpos de Intendência e de Saúde Militar. Assim, é legítimo afirmar que o *Museo del Ejército* é resultado da fusão de diversos núcleos museológicos militares criados ao longo do século XIX e início do século XX.

Atualmente, o *Museo del Ejército* tem a sua sede no Alcácer de Toledo, o que implicou não apenas uma mudança geográfica, mas também a reestruturação do conceito expositivo e da conceção museográfica, de acordo com as tendências mais em voga, “cujo principal objetivo é promover o conhecimento da história militar de

⁴⁸ Foi a área de Madrid que mostrou mais resistência aos militares durante a revolta de 02 de maio de 1808. Este edifício, localizado no norte da capital, na altura da atual rua Cía Bermúdez foi a praça-forte que protegeram com a sua vida os capitães Daoiz e Velarde até que as tropas francesas, muito superiores em número e equipamentos, a tomaram após uma heroica resistência do povo de Madrid. (http://es.wikipedia.org/wiki/Palacio_de_Montele%C3%B3n, acesso a 13 Setembro 2013)

⁴⁹ Proclamada a 14 de Abril de 1931 após a vitória republicana nas eleições municipais, tendo como primeiro presidente Niceto Alcalá Zamora.

Espanha”⁵⁰. O atual edifício apresenta uma arquitetura imponente com quatro fachadas, de estilos artísticos diferentes. Este edifício antes de ser Museu, teve diferentes utilizações, tais como Academia de Infantaria, Museu do Cerco, Governo Militar e ainda dependências administrativas militares, biblioteca, etc. Este espaço, além de ser Museu, conta ainda, no piso superior com *La Biblioteca Castilla la Mancha*.

Relativamente aos Serviços Educativos este Museu possui um programa bastante rico em atividades, destinadas a grupos escolares de todos os ciclos. Entre estas atividades estão, com diferentes períodos de duração, visitas a uma ou várias salas do Museu e posterior reunião em sala destinada para o efeito, onde são feitos desenhos do que foi visualizado, colocadas questões acerca do Museu e ainda jogos onde são resolvidos enigmas e realizados puzzles com imagens de algum do acervo exposto ao longo do Museu.

Salas Cronológicas > La Monarquía Hispánica, 1492-1700



Pasavolante

Ficha | Descripción | Bibliografía

C. 1450
Península Ibérica
219 x 28 cm.
Hierro
Forjado
Artillería
Caña ME [CE] 3281, Recámara ME [CE] 5377, Afuste ME [CE] 3281.01

⁵⁰“ O Museu do Exército é um museu estatal dependente do Ministério da Defesa, cujo principal objetivo é promover o conhecimento da história militar de Espanha.” Segundo o *site* do próprio museu (http://www.ejercito.mde.es/pt/unidades/Madrid/ihycm/Museos/ejercito/museo/informacion_general/, acesso a 5 Junho 2013).



Figura 8 – Exemplo de uma Ficha de Inventário retirada do *site* do *Museo del Ejército* de Toledo.

http://www.museo.ejercito.es/visitas/visita_virtual_adultos/

Neste Museu ainda há a possibilidade de serem realizados inúmeros eventos de cariz cultural tais como: reportagens, concertos, reuniões, apresentações, rodagens cinematográficas, entre outras. Está definida uma norma para cada espaço disponível para a realização de tais atividades, isto é, número máximo de lugares aproximado a determinada atividade, valores de aluguer, etc. Possui ainda um auditório com uma dimensão de 492 m² com a capacidade para 204 pessoas sentadas bem como meios audiovisuais necessários para a celebração de toda e qualquer atividade que seja realizada neste espaço, ou seja, cabine de tradução simultânea, megafone e cabine de projeção, tudo detalhadamente apresentado no *site* do Museu⁵¹.

Finalmente e não menos importante, o *Museo del Ejército*, é tutelado e gerido pelo Estado Espanhol, embora dependa organicamente do Instituto de História e Cultura Militar apresentando o seguinte organigrama:

⁵¹http://www.museo.ejercito.es/pt/unidades/Madrid/ihycm/Museos/ejercito/museo/espacios_alquiler, acesso a 5 Junho 2013.



Figura 9 – Organograma do Museo del Ejército⁵²

3.2. National Army Museum Londres

O *National Army Museum* localiza-se ao lado do Hospital Real em Chelsea e é o principal museu do Exército Britânico e o único com uma abrangência tão alargada, ou seja, desde o século XV ao século XXI. Tem como missão dar a conhecer a história do Exército Britânico e o seu papel nos diversos confrontos desenvolvidos na história mundial, de modo a aproximar a população inglesa e o seu exército.⁵³

Os Serviços Educativos deste Museu são bastante desenvolvidos, tendo visitas guiadas direcionadas para grupos escolares de diversas faixas etárias mas também para grupos de adultos e grupos de militares das forças armadas. Possui ainda uma área destinada a crianças onde estas podem explorar a vida militar através de cenários árticos e desérticos, podendo fazer escalada, *slide* e correr. Têm ainda a possibilidade de encenar acampamentos militares com acesso ao fardamento e um espaço onde as crianças podem desenhar, ler e interagir com brinquedos e jogos. Possui ainda a possibilidade de, através de marcação, sejam realizadas palestras a pedido de escolas,

⁵² *Ibidem*.

⁵³ In <http://www.nam.ac.uk/about-us>, acesso a 5 Junho 2013.

ou de outros, de modo a que o conhecimento dado em sala de aula seja complementado.

Figura 10 - Exemplo de uma Ficha de Inventário retirada do *site do National Army Museum* de Londres.

<http://www.nam.ac.uk/online-collection/detail.php?acc=1991-11-41-1>

Home Your Visit What's On Exhibitions Kids Education Collection Research Get Involved Museum Shop

Home >> collection >> online collection >> bronze saker cannon, 1530 (c)

« New search

« Prev - 1 of 1 results - Next »

Bronze Saker cannon, 1530 (c).

Barrel cast 1538. Manufactured by John and Robert Owen.

The barrel of this bronze saker cannon, manufactured in London around 1530, is inscribed with a Tudor rose and a monogram of King Henry VIII. In the 16th century cannon were given the names of birds: a 'saker' was a type of hawk. The saker fired solid iron shot, weighing between 1.8 and 2.7 kg (4-6 lb). These would not explode on impact, but would bounce along the ground.

They would continue bouncing until they crashed into something - or someone. Cannon balls could smash through stone, brick, flesh and bone with ease, but might be stopped by gabions, defensive baskets filled with earth.

NAM Accession Number
NAM 1991-11-41-1

Copyright/Ownership
National Army Museum, London

Location
National Army Museum, Study collection

Object URL
<http://www.nam.ac.uk/online-collection/detail.php?acc=1991-11-41-1>

Image details
Click on any image to enlarge

NAM Image Number 83429

Additional Images

NAM Image Number 83427

NAM Image Number 83428

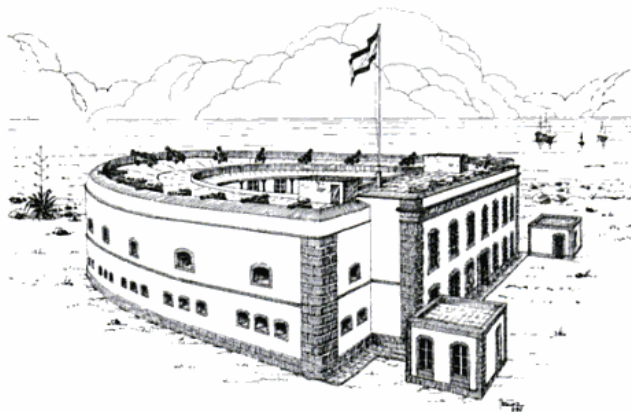
NAM Image Number 83430

Dá a possibilidade, uma vez que tem um espaço próprio para tal, a realização de conferências e outros eventos, sem que para isso necessitem de estar diretamente ligados com a temática do museu. Está ainda ligado a uma empresa de

catering que fornece o beberete nas ocasiões anteriormente referidas.

Este Museu dá a oportunidade a quem quiser, mediante pedido, de visitar o espólio que se encontra nas reservas do mesmo e ainda possui novidades na coleção, tendo mesmo disponível *online* um espaço dedicado à Coleção, podendo mesmo ser vista virtualmente, mostrando assim um pouco ao público um vislumbre do que irá observar no Museu.

Finalmente, a loja deste Museu é bastante completa tendo os mais variadíssimos itens para venda, entre eles, chapéus, *kits* de manicura com motivos militares, livros, DVDs, "soldadinhos de chumbo", canecas, ímanes alusivos à vida militar, *t-shirts*, *puzzles* e até réplicas de medalhas e tratados do Exército Inglês.



3.3. Museo Militar Regional de Canarias

O *Museo*
de Canarias está

Militar Regional
instalado no

Forte de Almeida, ponto estratégico entre a terra e o mar embora devido a vários problemas administrativos relacionados com expropriações levadas a cabo em meados do século XIX fez com que a sua construção só tivesse início em 1859 finalizando em 1884. Nesta altura devido aos avanços da artilharia, o forte já se encontrava desatualizado para responder à premissa que levou à sua construção. Assim ficou como aquartelamento de artilharia, possuindo diversos exemplares de bronze.

O Forte de Almeida deu lugar ao *Museo Militar Regional de Canarias* a 1 de Fevereiro de 1988, data em que abre ao público. Encontra-se integrado no *Centro de Historia y Cultura Militar*, dependente da Zona Militar das Canárias e ainda depende tecnicamente do *Museo del Ejército*.

De planta semicircular, ocupa 900m² e é constituído por dois pisos. No primeiro encontram-se treze espaços expositivos e no rés-do-chão onze, possuindo ainda um pátio onde estão expostos vários exemplares de artilharia. Não é um museu especializado uma vez que abrange múltiplas disciplinas, sendo elas, Arma Branca, Arma de fogo, Arqueologia Industrial, Artilharia, Belas Artes, Cartografia, Condecorações, Dioramas Históricos, Equipamento Militar, Maquetas, Memórias Históricas, Modelos, Miniaturas, Munições e Uniformes. Em 1992 o espaço foi remodelado e ampliado sendo o seu acervo organizado nesta altura.

Figura 11 – Ilustração do *Museo Militar Regional de Canarias* in MELIÁ, Juan Tous, *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*, Dirección del Museo Militar Regional de Canarias, Santa Cruz de Tenerife, 2000.

Além da exposição permanente que apresenta nas áreas supra indicadas, este Museu desenvolveu várias atividades de modo a envolver-se na vida da cidade e do arquipélago, relaciona-se com os organismos culturais do Governo Autónomo e com diversas instituições, como são exemplo as universidades.

Importa ainda referir que ao longo do Museu estão expostas várias peças de artilharia entre os séculos XIV e XX destacando-se o canhão “Tigre” (Figura 12), canhão de bronze do século XVIII semelhante a um exemplar existente no Museu Militar de Lisboa.



Figura 12 – Canhão *Tigre*, semelhante a peça presente no Museu Militar de Lisboa, in MELIÁ, Juan Tous, *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*, Dirección del Museo Militar Regional de Canarias, Santa Cruz de Tenerife, 2000.

Em relação aos serviços educativos, pouca foi a informação que se recolheu, pois este Museu não possui um *site* próprio, como os exemplos anteriores, sendo esta mesma informação recolhida do *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*⁵⁴ e de alguns *sites*⁵⁵. Pode apurar-se que possui uma sala polivalente e uma área de restauração, além de acesso para incapacitados e parque de estacionamento próprio⁵⁶.



MINISTERIO
DE
DEFENSA

FICHA DE PATRIMONIO HISTORICO MUEBLE
(UNIDADES, CENTROS, ORGANISMOS Y MUSEOS MILITARES)

SUBDIRECCIÓN GENERAL
DE PATRIMONIO
HISTÓRICO-ARTÍSTICO

IDENTIFICACIÓN:

UCO/MUSEO: MHMC / MUSEO HISTÓRICO MILITAR DE CANARIAS
Nº INVENTARIO: MHMC-366 TITULARIDAD: CE

Cód. Unidad:

UBICACIÓN:

UCO/M: MUSEO HISTÓRICO MILITAR DE CANARIAS
EDIFICIO: ESTABLECIMIENTO DE ALMEIDA SALA:

Cód. Unidad:
EXPOSITOR:

CLASIFICACIÓN GENÉRICA:

CLASIFICACIÓN GENÉRICA: ARMAS / ARTE TORMENTARIA

DESCRIPCIÓN TÉCNICA:

NOMBRE DEL OBJETO: CAÑÓN

SISTEMA:

TIPO / MODELO:

TÍTULO: "MALACAYO".

Nº DE EJEMPLARES: 1

COMPONENTES / PARTES:

MATERIA / TÉCNICA: BRONCE

DIMENSIONES / ESCALA: 300 x 50,5 cm.

COLOR:

CALIBRE: PESO: 2000 KG.

SOPORTE: CUREÑA DE MADERA

LEYENDAS / INSCRIPCIONES / MARCAS: (VER REVERSO FICHA)

Nº SERIE / MATRÍCULA: 5723

HISTORIA DE LA PIEZA:

AUTOR:

ESCUELA / TALLER / FÁBRICA: SOLANO Y BARNOLA

FECHA DE PRODUCCIÓN: 1802 SIGLO:

LUGAR DE PRODUCCIÓN: SEVILLA

PERSONAJE HISTÓRICO:

HECHO HISTÓRICO:

ARMA O CUERPO / SERVICIO:

UNIDAD / GRADUACIÓN:

ESTADO DE CONSERVACIÓN / FUNCIONAMIENTO: BUENO

PIEZAS RELACIONADAS:



⁵⁴ MELIÁ, Juan Tous, *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*, Dirección del Museo Militar Regional de Canarias, Santa Cruz de Tenerife, 2000.

⁵⁵<http://www.santacruzmas.com/SantaCruzMas.asp?Idioma=&IdMenu=6&IdSeccion=12;>

[http://www.portalcultura.mde.es/cultural/museos/canarias/archivo_34.html;](http://www.portalcultura.mde.es/cultural/museos/canarias/archivo_34.html)

<http://www.visitarcanarias.com/museo-militar-regional>, acessos a 15 Outubro 2013.

⁵⁶ <http://www.santacruzmas.com/SantaCruzMas.asp?Idioma=&IdMenu=6&IdSeccion=12>, acesso a 15 Outubro 2013.

PROCEDENCIA: AALOG 81
FECHA DE INGRESO: 29/06/92
OTROS NÚMEROS:

FORMA DE INGRESO: DONACIÓN

INFORMACIÓN COMPLEMENTARIA:

OBSERVACIONES

Características técnicas, uso, importador – distribuidor, lugar de siglado, etc.

- El Cascabel es esférico y tiene adornos / en la lámpara se lee: “5723 Sevilla 30 de Marzo de 1802”/. En el primer cuerpo lleva un escudo/. En el segundo cuerpo los muñones y asas. El muñón derecho tiene la inscripción “ po 2030 L s” y en el izquierdo “bronces viejos de Solano y Barnola”/ más arriba el nombre de la pieza “Malacayo”, y cerrando el brocal una cenefa.

INFORMACIÓN ADICIONAL:

Información teórico o histórico, fabricación, autoría, avatares históricos y legendarios.

- Pieza hecha bajo el reinado de Carlos IV (1788-1808).
- En una placa en la plaza, figura la siguiente inscripción: “los cañones que adornan esta plaza / fueron cedidos en callado de depósito / al Ayuntamiento del Puerto de la Cruz / por el Ministerio de Defensa / y la zona Militar de Canarias / Diciembre de 1992”/.

BIBLIOGRAFÍA:

Libros, manuales, revistas utilizadas para la identificación de la pieza.

INFORMACIÓN GRÁFICA:

ARCHIVO FOTOGRÁFICO: N° Carrete: 3054

N° Foto: 21/23

FICHA HECHA POR: PERSONAL DE LA OFICINA TÉCNICA

FECHA: 24/07/2003



Figura 13 – Exemplo de uma ficha de inventário fornecida por Joaquín Reyes Garcia, Técnico Superior de Gestão da *Museo Militar Regional de Canarias*.

3.4. Apreciação Comparativa das Unidades Museológicas em Análise

Após a breve exposição dos três exemplos escolhidos, isto é, o *Museo del Ejército*, o *National Army Museum* e por último o *Museo Militar Regional de Canarias*, passa-se agora a uma comparação com o Museu Militar de Lisboa.

São quatro bons exemplos a nível do seu acervo uma vez que, este é constituído por elementos significativos para a História dos países a que pertencem. Relativamente às questões mais técnicas, são evidentes as diferenças, uma vez que é necessário prestar

primeiro atenção ao País e depois ao seu Museu porque claro está, todos são como que um espelho que dá a conhecer as glórias e as derrotas do seu povo. Nota-se igualmente diferenças nas condições museológicas de cada um, o que demonstra de certa forma a preocupação que cada Estado presta ao seu património.

Todos os museus militares têm como função, mesmo que nas entrelinhas, a captação de elementos para ingressarem no Exército e claro, uma função didática para os cadetes e para o público em geral, pois como o Tenente-Coronel José Berger⁵⁷ afirma, um Museu Militar tem o papel de " (...) *elucidar e de preservar a memória dos feitos dos Soldados, incentivando os jovens na possibilidade de escolha e de prosseguir uma carreira temporária nas fileiras*"⁵⁸.

Dito isto seria de esperar que todos os países prestassem igual atenção ao seu património e por conseguinte aos seus museus, pelo menos os mais especiais, isto é, os mais significativos no que respeita à sua História e ao próprio acervo. Vendo os exemplos já referidos e comparando com o Museu Militar de Lisboa, as diferenças não são significativas em termos do que se propõem fazer, mas na sua realização são-no sem sombra de dúvida. Este aspeto deve-se a inúmeros fatores que não se prendem com as pessoas que fazem o Museu, mas sim com fatores externos, nomeadamente os cortes orçamentais que vivemos hoje e que fazem com que sejam quase inexistentes as verbas disponíveis para trazer o Museu Militar de Lisboa para o século XXI.

Pegando em aspetos concretos, e apesar de não ter havido possibilidade de visitar os museus que aqui estão a ser tratados a título de comparação, nota-se através dos meios consultados uma enorme discrepância entre eles e o Museu Militar de Lisboa.

Começando pelo *Museo del Ejército* é visível que há um cuidado e preocupação em que o seu *site* transmita de maneira completa as suas características museológicas, nomeadamente os espaços expositivos, alguns exemplares do seu acervo, através de

⁵⁷ José Paulo Ribeiro Berger é Tenente-Coronel de Engenharia, no ativo. Faz parte da Direcção-Geral de Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional.

⁵⁸ *Um Museu Militar é um centro de conhecimento inesgotável sobre o passado. O seu papel também é, no domínio educativo, o de elucidar e de preservar a memória dos feitos dos Soldados, incentivando os jovens na possibilidade de escolha e de prosseguir uma carreira temporária nas fileiras.* In *O Serviço Militar, os Jovens e os Museus Militares*, Jornal do Exército, 2008, pp. 54 a 57.

uma *visita virtual*, mas também as atividades que o museu proporciona a nível dos seus serviços educativos. Estas atividades baseiam-se em conferências destinadas a várias faixas etárias, visitas guiadas e posterior reflexão sobre o que foi visualizado. Comparando com o *site* do Museu Militar de Lisboa e com o que se conseguiu observar ao longo do Estágio Académico do qual resulta este relatório, a diferença é notável uma vez que, o exemplo português não vê as potencialidades que esta ferramenta digital pode ter na sua divulgação e até valorização, notando-se um *site* bastante desatualizado e reduzido em termos de informação do próprio museu levando a que quem o consulta não fique com amostra alguma do que pode ser visualizado aquando da visita ao museu.

No caso do *site* do *National Army Museum*, este mostra uma organização bastante metódica, sendo que o que mais se destaca é a existência de uma página que serve como motor de busca do seu acervo já inventariado. Relativamente aos serviços educativos é em muito semelhante ao exemplo espanhol, mas tem a mais-valia de possuir uma sala equipada com audiovisuais onde se podem realizar as mais diversas atividades.

Relativamente ao *Museo Regional Militar de Canarias*, como já foi visto anteriormente, este não possui um *site* próprio o que faz com que as informações conhecidas para os restantes museus em análise, não foram encontradas para este último exemplo. Assim sendo pode depreender-se que é o exemplo mais semelhante ao Museu Militar de Lisboa, uma vez que tem carências ao nível da sua divulgação resultante da falta de um *site* e tendo em conta as fotografias que são apresentadas quando se pesquisa este museu num motor de busca da *internet*, assemelha-se ao Museu Militar de Lisboa, pois tomando o exemplo das legendas das peças, no *Museo Regional Militar de Canarias* são um tanto ou quanto desprovidas de inovação, isto é, a informação está presente num pequeno cartão mostrando ao que tudo indica pouca informação sobre as peças. Uma mais-valia deste Museu é o facto de possuir uma sala onde se podem realizar as mais diversas atividades e uma zona de restauração.

Em complemento a este ponto, o Capítulo IV utilizará a informação até aqui referida e fará uma proposta de dinamização e valorização para o Museu Militar de Lisboa.

Capítulo II

*«...pello que do mundo sei,
pois nelle o que mais se
dezeja, menos se alcança. »*

Manuel Tavares Bocarro

(Fundidor de Artilharia, Séc. XVII)

CAPÍTULO II – ARTILHARIA HISTÓRICA DOS SÉCULOS XIV A XVI: INVENTARIAÇÃO DA COLEÇÃO DO MUSEU MILITAR DE LISBOA

1. Contextualização Histórica

Desde o aparecimento dos primeiros hominídeos começou a desenvolver-se uma necessidade especial de táticas de defesa que nos primórdios caracterizaram-se pelo uso de simples armas, isto é, muitas vezes pedras arremessadas com a mão, contra o inimigo.

Estas táticas, muitas de simplicidade extrema, foram sofrendo alterações, uma vez que os hominídeos foram evoluindo, dando origem ao Homem (*Homo Sapiens*). Este já possuía uma postura ereta e como tal uma marcha bípede. Em linhas gerais, devido à cozedura dos alimentos a sua mandíbula tornou-se menos robusta, fazendo com que a caixa craniana fosse maior que a face permitindo o desenvolvimento da fala. Este aspeto juntamente com uma capacidade encefálica maior e com um instinto de sobrevivência bastante marcado fez com que este “novo homem” se tornasse inteligente, sendo já capaz de elaborar e manusear vários instrumentos, nomeadamente “armas”.

Fazer uma contextualização histórica de um tema tão vasto como o que se encontra neste trabalho, é algo bastante extenso uma vez que, como se pode verificar a história do armamento está diretamente ligada com a História da Humanidade.

No estrangeiro o desenvolvimento deste tema foi bastante considerável, enquanto em Portugal poucos foram os autores que a ele se dedicaram e os que isso fizeram, verifica-se que são militares. Muitos destes dedicaram a sua vida, ou grande parte dela, a um melhor esclarecimento de questões relacionadas com este tema e com a sua aproximação à verdade, entre elas estão: quando apareceu a primeira peça de artilharia; o porquê do seu aparecimento; quais as consequências da sua utilização; evolução; etc.

Passados alguns anos desde as publicações das últimas investigações deste tema, tentar-se-á dar uma resposta nas páginas que se seguem, às questões anteriormente referidas e a outras, tendo em conta as opiniões e os estudos realizados por vários autores, como são exemplo os Coronéis Pereira do Valle, Nuno José Varela Rubim e Nuno Valdez dos Santos.

A palavra *Artilharia* poderá remeter imediatamente para as peças de fogo que comumente se denominam por “canhões”, mas muito antes de estes existirem, a mesma palavra remetia para outros engenhos, isto é, para as muito conhecidas catapultas, bastante mais antigas. Estes engenhos, também designados *Artilharia Neurobalística* são bastante mais antigos, mesmo anteriores à invenção da pólvora, e a sua força propulsora era resultante da torsão de fibras, animais ou vegetais, lançando assim enormes “balas” a distâncias consideráveis.⁵⁹

A primeira notícia de que há registo de um engenho neurobalístico remonta ao ano de 759 na China, como Needham⁶⁰ refere na sua obra *Science & Civilization in China* (Figura 14). Este primeiro engenho, denominado *Phao Chhê* seria uma catapulta ou “trabuco” que, segundo os autores Nuno José Varela Rubim, General, e Tércio Machado Sampaio⁶¹, seria armado através da força de vários homens.



Figura 14 – Gravura de um *Phao Chhê*, engenho neurobalístico datado de 759. (NEEDHAM, J, HAYES, D. D., *Science & Civilization in China*, Vol. V.6 – Military Technology: Missiles and Sieges, Cambridge University Press, 1994.)

⁵⁹ RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia Antes da Utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000.

⁶⁰ NEEDHAM, J, HAYES, D. D., *Science & Civilization in China*, Vol. V.6 – Military Technology: Missiles and Sieges, Cambridge University Press, 1994.

⁶¹ RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia Antes da Utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000.

O General Rubim defendeu que a *Artilharia Neurobalística* deveria dividir-se em “Artilharia de Torsão e Artilharia de Alavanca” uma vez que, como já foi dito anteriormente e o próprio entende “(...) as “máquinas” neurobalísticas (“de nervo”) utilizavam a torsão de cordas como força motriz de lançamento. Estão neste caso as antigas armas do período clássico greco-romano, como as *Balistas*, *Escorpiões* e *Onagros*. Deixando fora deste conjunto as que possuem uma força motriz de lançamento resultante de uma alavanca, embora para tal sejam sempre necessárias cordas⁶².

Na mesma obra de Needham, referida anteriormente, mas relativamente ao ano de 1044, é apresentada uma gravura da época onde se vê que esta possui inúmeras cordas, o que revela que seria através delas que o engenho era carregado, não mostrando nenhum contrapeso (Figura 15).



Figura 15 – Gravura do engenho neurobalístico, datado de 1044.
(NEEDHAM, J, HAYES, D. D., *Science & Civilization in China*, Vol. V:6 –
Military Technology: Missiles and Sieges, Cambridge University Press,
1994.)

A artilharia de alavanca surge então na Baixa Idade Média. Estes engenhos eram constituídos por uma trave, que girava em torno de um eixo colocado a uma altura determinada do solo e que se encontrava mais perto do contrapeso, sendo este colocado numa das extremidades da peça, sendo fixo ou então móvel, mas tendo

⁶² RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia Antes da Utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000.

sempre que ser bastante mais pesado que o projétil. Na outra extremidade existia uma funda, que entraria em contato com o chão de modo a ser carregada com o projétil⁶³.

1.2. A Evolução Da Artilharia Pirobalística

No que diz respeito à Artilharia Pirobalística a datação, indicada nas fontes utilizadas pelos autores dos séculos XVI e XVII, revelaram-se inexatas o que originou que durante algum tempo se considerasse que as origens desta Artilharia tivessem sido anteriores ao que mais tarde se verificou, sendo só no século XX que se analisaram textos antigos que permitiram desfazer as ideias estabelecidas⁶⁴.

A pólvora já era conhecida em 1242, data de um manuscrito de Roger Bacon⁶⁵ intitulado *De Mirabilis Potestate Artis et Naturae*, em que o autor trata desse mesmo assunto. Daqui pode depreender-se que o aparecimento da Artilharia Pirobalística deve-se ter verificado entre o último quartel do século XIII e o primeiro do século XIV (1275-1325).

A primeira fonte escrita sobre esta artilharia apareceu na Biblioteca de Florença e é referente ao decreto emitido pelo Concílio da mesma cidade, dirigido ao *Gonfaloniere* e ao Conselho dos Doze, datada de 1326. Neste manuscrito ordenou-se o fabrico de “pilas seu palloctas ferreas et canones de metallo”, isto é, balas de ferro e canhões de bronze. De fato a primeira representação de uma boca-de-fogo (Figura 16)

⁶³ RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia antes da Utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000.

⁶⁴ Os primeiros tratados de artilharia surgiram nos finais do século XVI, muito organizados para a época, embora só nos finais do século XIX inícios do XX tenham aparecido obras que trataram o tema da *Artilharia* indo diretamente às fontes que pudessem ser elucidativas. (RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia antes da utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000).

⁶⁵ Roger Bacon nasceu em Ilchester no ano de 1214 e faleceu em Oxford no ano de 1294. Conhecido como *Doctor Mirabilis* (Professor Admirável). Foi filósofo e frade franciscano, estudioso do empirismo e do uso da matemática no estudo da natureza. Aos 13 anos matriculou-se em Oxford. Contribuiu em áreas importantes como a Medicina, Filosofia, Geografia e principalmente Ótica. (http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Roger_Bacon, acesso a 30 Junho 2013)

data da mesma época, constituindo o tratado científico *De Notabilis, Sapientia, et Prudentiam Regnum* de Walter de Milemete⁶⁶.



Figura 16 – Primeira representação de uma boca-de-fogo, presente na obra de Walter de Milemete, *De Notabilis, Sapientia, et Prudentiam Regnum*.

(<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7a/EarlyCannonDeNobilitatibusSapientiiEtPrudentiisRegumManuscriptWalterdeMilemete1326.jpg>, acesso a 12 Outubro 2013)

É quase homogénea a ideia de que na Europa, as primeiras civilizações a beneficiarem desta artilharia terão sido as da Península Hispânica, sendo esta trazida pelos mouros de África que por sua vez a aprenderam com os seus homónimos do Oriente. Tal como o escritor espanhol dos inícios do século XX, José Arantegui, defende, esta artilharia terá chegado a Espanha por volta do ano de 1331 pela mão de Mohamed V, rei de Granada⁶⁷, o que faz apontar para um conhecimento por parte dos árabes do Oriente bastante mais cedo, talvez nos inícios do século XIV.

Este aspeto pode ser fundamentado pelo facto de que os muçulmanos não utilizaram este tipo de artilharia contra os Cruzados, com quem combateram entre finais do século XI e finais do XIII, apontando para o desconhecimento desta mesma artilharia, uma vez que seria esperado que caso a possuíssem a utilizariam nesses confrontos⁶⁸.

⁶⁶ Walter de Milemete, erudito inglês do século XIV. Escreveu *De Notabilis, Sapientia et Prudentia Regum* para o príncipe Eduardo, mais tarde Rei Eduardo III de Inglaterra. Nesta obra está presente o que se pensa ser a primeira representação de uma boca-de-fogo.

(http://en.m.wikipedia.org/wiki/Walter_de_milemete, acesso a 30 Junho 2013)

⁶⁷ Mohamed V nasceu no ano de 1338 e faleceu em 1391. Cognominado de *al-Ghani* (“o Afortunado”) ou *al-Makhlû* (“O Deposto”), reinou de 1354 a 1391 pertencendo à Dinastia *Nasridas*. Desenvolveu uma política externa bastante inteligente, mantendo boas relações tanto com os cristãos da Península Ibérica como com os Merinidas de Marrocos. (http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Muhammed_V_de_Granada, acesso a 30 Junho 2013).

⁶⁸ FERREIRA, Marino da Cunha Sanches, *Artilharia*, Separata da «Enciclopédia da Vida Corrente», Oficinas Gráficas de Rádio Renascença, Lisboa, 1958.

Então quando terão sido utilizados os primeiros exemplares desta nova artilharia pirobalística?

Tal como já foi referido, a reprodução mais antiga de que há memória de uma peça de artilharia pirobalística data de 1326 e encontra-se no livro *De Notabilis, Sapientia, et Prudentia Regum*, sendo que o próprio Coronel Valdez dos Santos, na sua obra não publicada *Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa*⁶⁹, defende precisamente isso. No entanto por altura do cerco de Silves, em 1189, há notícia de que terão sido utilizadas bocas-de-fogo, nomeadamente a *Crónica de D. Sancho I*, de Rui de Pina, onde este refere que o rei terá mandado atirar contra uma torre *tiros e grossos de pólvora*. No entanto o Frei António Brandão, numa das suas crónicas sobre o mesmo rei, não faz alusão alguma à utilização de artilharia pirobalística no mesmo cerco⁷⁰.

Oficialmente, não há uma data precisa para a primeira utilização desta nova artilharia, embora sejam algumas as opiniões que a definem.

Em Portugal, talvez por nunca ter existido realmente o feudalismo fez com que nos finais do século XIV o corpo militar português sofresse uma profunda reestruturação. Assim o exército dos primeiros tempos da nacionalidade, com características feudais, foi paulatinamente adaptando-se à nova realidade da pátria que acabava de ser formada.

Desde o reinado de Afonso III que se observam essas tentativas de mudança e reestruturação, passando automaticamente para os dois reis sucessores a sua continuação.

A primeira referência relativa ao contacto dos portugueses com a Artilharia Pirobalística aparece na Crónica de D. Fernando I, de Fernão Lopes e é referente ao cerco de Ciudad Rodrigo. Estas eram utilizadas pelas forças de D. Henrique de Castela contra D. Pedro de Castela, em 1370, e na qual os portugueses auxiliaram este último.

⁶⁹ SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Artilharia de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, Texto não editado. Doado ao Museu Militar de Lisboa em 2011.

⁷⁰ FERREIRA, Marino da Cunha Sanches, *Artilharia*, Separata da «Enciclopédia da Vida Corrente», Oficinas Gráficas de Rádio Renascença, Lisboa, 1958.

Em Portugal, segundo a mesma Crónica, o aparecimento da artilharia pirobalística data do Verão de 1381, ano em que foi usada pela primeira vez na defesa da cidade de Lisboa e dos navios ingleses que vieram em auxílio de D. João I, Mestre de Avis, contra as forças invasoras de Castela⁷¹.

A partir do ano de 1384 há, devidamente comprovadas, notícias de utilização de artilharia, de ferro forjado, em ações de guerra, como em Alenquer, Torres Vedras, Guimarães e possivelmente em Vila Viçosa.

Com D. Fernando deu-se o salto qualitativo, criando-se assim condições para que surgisse um exército nacional e moderno, que tornou possível a vitória de Aljubarrota, em 1385, e que garantiu a independência do País. Nesta altura o recrutamento já englobava as camadas mais humildes da população, a hierarquização era agora feita com mais clareza, com postos e funções definidos e com uma chefia militar própria embora que dependente do rei.

Por esta altura Portugal encontrava-se há mais de dez anos em guerra, sendo constantemente ameaçado por terra e mar e sem exército ou armas capazes de se defender. Assim, recorreu a países estrangeiros de modo a defrontar Castela em todos os seus confrontos, mas estas tropas aliadas saquearam, devastaram e maltrataram a população portuguesa de forma ainda mais destruidora e brutal que os invasores.

Para alguns historiadores só depois da paz de 1411, que pôs termo à Guerra da Independência, teria começado em Portugal o fabrico de bocas-de-fogo de ferro forjado, de dimensões e calibres relativamente pequenos.

D. Manuel I é tratado entre alguns autores como Rei Artilheiro dado as suas muitas providências e medidas tomadas no interesse do desenvolvimento da artilharia. Sob o seu impulso criaram-se novas “tercenas”, como as das “Portas da Cruz” em Lisboa, armazéns para guardar e conservar material de guerra, oficinas de fabrico de pólvoras e

⁷¹ FERREIRA, Marino da Cunha Sanches, *Artilharia*, Separata da «Enciclopédia da Vida Corrente», Oficinas Gráficas de Rádio Renascença, Lisboa, 1958.

outros artefactos importantes, e por fim “casas de fundição” quer da Coroa, quer particulares.

A este Rei ainda se deve a conceção de uma peça de artilharia, que consiste na fundição de uma só peça em bronze, considerada como boca-de-fogo ligeira e a que chamou “berço de metal”. Foi uma arma que para a época apresentou um avançado tecnicismo, de grande poder ofensivo, mobilidade e amplitude de tiro sendo hoje em dia, em homenagem a este monarca, denominado de *Berço Manuelino*. Ainda em vida, D. Manuel aumentou as dimensões desta boca-de-fogo surgindo assim o falconete que por sua vez, 100 anos mais tarde se transformou no “pedreiro de bordo”.

Importante testemunho para o estudo da artilharia do século XV é o conjunto de tapeçarias, denominado Tapeçarias de Pastrana⁷² que mostram várias peças de artilharia no campo de batalha de Arzila (1471) aquando do reinado de D. João II⁷³. Foram descobertas pelo Professor Reynaldo dos Santos e pelo Dr. José de Figuelredo que identificaram como sendo originárias da Flandres e que seriam as mesmas que se pensavam desaparecidas desde o século XVII. Pensa-se que teriam sido executadas na Flandres com base nos desenhos de Nuno Gonçalves, pintor da casa real de D. Afonso V, e apresenta a seguinte inscrição: REPRUDUCION DE VN TAPIZ DEL SIGLO XV QVE REPRESENTA EL DESEMBARCO DEL REY ALFONSO V DE PORTUGAL EN ARCILA, RECONSTITUYO EL DIBUJO FAUSTINO ALVARAZ, acabando com alguma dúvida que haja em relação à sua datação.

Veja-se as seguintes representações de algumas bocas-de-fogo nas Tapeçarias:

⁷² Conjunto de Tapeçarias de grandes dimensões (10x4 metros) tecidas em lã e seda na Bélgica a mando de D. Afonso V. Foram encontradas numa Igreja em Pastrana, Espanha. Atualmente encontram-se expostas no Museu da Colegiada de Pastrana em Espanha. Foram intervencionadas para conservação e restauro em 2009.

⁷³ RUBIM, Nuno José Varela, *A Artilharia Portuguesa nas Tapeçarias de Pastrana – A Tomada de Arzila em 1471*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 1987.



Figura 17 – Pormenor das Tapeçarias de Pastrana, mostrando D. Afonso V no seu cavalo e uma bombardinha de ferro forjado, in RUBIM, Nuno José Varela, *A Artilharia Portuguesa nas Tapeçarias de Pastrana – A Tomada de Arzila em 1471*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 1987.



Figura 18 – Pormenor das Tapeçarias de Pastrana, mostrando uma Bombarda montada num reparo de madeira para aperfeiçoamento da mira, in RUBIM, Nuno José Varela, *A Artilharia Portuguesa nas Tapeçarias de Pastrana – A Tomada de Arzila em 1471*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 1987.

A D. João II é atribuído o aumento e qualidade da artilharia para a defesa de Portugal e também a criação de fundições de artilharia de bronze em Portugal. Nos

documentos da época que com alguma frequência chegaram até nós⁷⁴, muitas são as expressões como “tamta, e tam grossa artelharia” ou então alusões a uma exportação de canhões da Flandres a bordo da nau “Bretoa”, bem como ao fabrico e existência de muita pólvora. Há ainda a acrescentar e a evidenciar a imensa persistência deste monarca em melhorar as condições técnicas e táticas do emprego da artilharia, tanto no mar como em terra.

Transcrevendo as palavras de Garcia de Resende: “Porque El-Rei sempre cuidava nas cousas que cumpriam a bem de seus reinos e a defenção e guarda d’elles (...) como era engenhoso em todos os officios e sabia muito em artelharias, cuidando muito nisso por melhor guardar sua costa com mais seguridade e menos despesas, aqui em Setuvel com muitos esprimentos que fez achou e ordenou em pequenas caravellas andarem muito grandes bombardas, e tirarem tão rateiras que iam tocando na agoa, e elle foi o primeiro que isso inventou. E poucas caravellas d’estes grandes rios fazem amainar muitas naos grossas: porque até então andavam no mar tiros grossos, e ellas com eles, e por serem muito ligeiras e pequenas, que as naos grossas lhe não podiam fazer nojo com os seus tiros, foram tão temidas no mar as caravellas de Portugal (...)”⁷⁵.

A existência do novo armamento possibilitou a Portugal, além das vitórias em terras lusas, construir um império marítimo que tornou o Índico um “mar português” até ao século XVII, com a ajuda também do génio estratégico de Afonso D’Albuquerque, de naus fortemente artilhadas e “*boas fortalezas, ganhando lugares principais (...) feitas à nossa usança, com cavas, torres e artilharia*”, usando a linguagem do próprio Afonso D’Albuquerque numa Carta para D. Manuel I⁷⁶.

Pouco mais de um século passado e a *Artilharia Portuguesa* afirmava-se como peça fundamental na superioridade terrestre e naval portuguesa.

⁷⁴ SANTOS, Nuno Valdez dos, *Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, (Texto não editado. Doado ao Museu Militar de Lisboa em 2011).

⁷⁵ *Ibidem*

⁷⁶ O Coronel Valdez dos Santos na sua obra *Os Canhões de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, não refere qual a Carta, apenas que foi escrita por Afonso D’Albuquerque e destinada a D. Manuel I.

Em relação a questões mais técnicas⁷⁷, ou seja, ao fabrico das bocas-de-fogo, estas inicialmente eram fundidas em ferro forjado, com barras e chapas do mesmo material ou então em ferro batido, construindo-se assim bocas-de-fogo de antecarga⁷⁸, retrocarga⁷⁹, ou seja, de alma⁸⁰ seguida ou então de câmara móvel. Os primitivos canhões portugueses teriam sido construídos por ferreiros ou fundidos por sineiros, cujos nomes a nossa História não registou.

Tal como se de um barril se tratasse, as barras de ferro eram dispostas como aduelas, juntas por meio de aros do mesmo metal. No início estas bocas-de-fogo não eram mais do que grandes tubos com uma das extremidades bem fechada, ou seja, a culatra, onde se abria um orifício, chamado ouvido, colocando-se neste o rastilho. Estas peças primitivas não tinham qualquer tipo de mira e como tal nenhum sistema de pontaria. Mais tarde, na culatra começou a aparecer uma espécie de “mira”, que poderia ser um ligeiro alto ou até mesmo alguns sulcos. De salientar é o fato de que esta “mira” não seria muito abonatória uma vez que, tendo em conta o tamanho destas bocas-de-fogo e o seu peso, seria sempre bastante difícil movê-las, no entanto o tiro destas peças podia atingir alvos a 100 ou 200 metros.

Inicialmente o tiro era apenas rasante e seria direcionado a grupos de soldados, muralhas ou outros pequenos alvos. Paulatinamente as bocas-de-fogo foram dotadas de reparos que lhes permitiam ajustar o ângulo de tiro e como tal, alcançar pontos mais distantes. Os pelouros, isto é, as munições, que no início seriam pedras ou escórias colocadas na alma da boca-de-fogo, por esta altura ganharam volume e peso e começaram a ser pequenas pedras de barro e moldadas em formato de esferas, ou então de ferro e posteriormente de chumbo.

Em 1480 são criados os munhões que vão permitir regular a inclinação da peça, bem como facilitar a sua deslocação e pontaria.

⁷⁷ Anexo II – Glossário e Anexo III – Constituição de Peças e Obuses.

⁷⁸ Carregamento da boca-de-fogo feito pela parte anterior (“boca”).

⁷⁹ Carregamento da boca-de-fogo feita pela parte anterior, por meio de uma câmara móvel.

⁸⁰ Interior do cano de uma boca-de-fogo (tubo).

Conforme os costumes do final do século XV generalizou-se o emprego de “siglas” e depois de “marcas” entre os fundidores de artilharia. As siglas eram formadas pela primeira letra do nome ou do sobrenome ou mesmo da alcunha por que eram conhecidos, ou qualquer característica pessoal. É o caso, por exemplo, do “camelete ou terço de canhão pedreiro” B.3, que apresenta apenas um “S” e, ainda hoje, o seu nome, normalmente, não é referido pelos historiadores⁸¹.

Julga-se que o autor desta peça tenha sido Nicolau de Sousa que foi “residente na cidade do Porto e mestre de fazer passa-volantes e outras artilharias” e que tivera “carta de privilégio” assinada por D. João II, a qual foi depois confirmada pelo rei D. Manuel I a 28 de Novembro de 1496.

As bocas-de-fogo do reinado de D. Manuel I, quer fossem portuguesas ou adquiridas no estrangeiro, já eram dotadas de “argolões” chegando algumas a ter também, na base da culatra, um argolão⁸². Além destas características, eram devidamente identificadas tendo, na parte superior da “bolada” o escudo nacional, com as quinas em pé e a bordadura com 8 castelos, encimado por uma coroa real aberta, sobrepondo-se o conjunto a uma esfera armilar, em que, por norma, a faixa da eclíptica era orientada da direita norte para a esquerda sul. Todas as bocas-de-fogo tinham munhões, importante inovação que se propagara rapidamente em todas as fundições de artilharia de todo o mundo.

Em relação à artilharia naval, esta tinha que ser bastante mais leve, e era colocada na proa ou à popa do navio. Com o surgimento da necessidade de defesa dos flancos dos navios, e também ataque, viu-se que seria moroso e nada prático ou rápido carregar uma boca-de-fogo pela boca, até porque não havia espaço para efetuar tal manobra. Assim surgiram as bocas-de-fogo de retrocarga, ou de câmara móvel, que passaram a ter uma abertura na culatra de modo a que fosse colocada uma câmara

⁸¹ Esta boca-de-fogo encontra-se nas Caves Manuelinas do Museu Militar de Lisboa e foi alvo de inventariação, sendo que se encontrará no Anexo III - Fichas de Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI.

⁸² Argolão/argolões, isto é, argolas de dimensões consideráveis, colocadas ao longo da peça e muitas vezes na culatra de modo a que por entre eles fosse passada uma corda para facilitar a deslocação das bocas-de-fogo.

carregada com pólvora, tornando-se mais fácil a utilização das bocas-de-fogo. Geralmente existiam muitas câmaras já carregadas perto da boca-de-fogo de modo a que, em caso de ataque cerrado, se tornasse mais rápida a resposta de defesa, isto é, aquando de um disparo bastava retirar a câmara, colocar outra carregada previamente e disparar novamente. Estas bocas-de-fogo foram igualmente utilizadas em terra, nomeadamente nas fortificações marítimas.

Para muitos autores, em 1520, começou o 2º período da história da artilharia universal, graças aos estudos mandados fazer pelo Imperador Carlos V, sobre tudo o que se relacionasse com a artilharia. Assim entre 1521 e 1530, sob a direção de cientistas, fundidores e mais técnicos, realizaram-se numerosas experiências de fundição e de estudos balísticos surgindo assim 5 novas bocas-de-fogo e um morteiro. Estas tinham a particularidade de possuírem “asas”, inovação que foi considerada de extrema importância e, como tal, logo introduzida nas principais fundições, como aliás as principais características destas bocas-de-fogo, que ficaram conhecidas pelo nome de “Peças da Ordenança de Carlos V”.

Em 1552, os franceses fizeram o mesmo ao que chamaram “Ordenança de Francisco I, de 1552” dispondo de uma gama de 6 peças, mas estas sem “asas”, pelo que foi geralmente mal aceite e, paulatinamente, espalhou-se pela Europa o modelo de artilharia espanhola.

Portugal também seguiu o modelo espanhol, mas só em meados do XVI, altura em que se começam a fundir bocas-de-fogo compridas e relativamente pesadas, com asas de golfinho no 2º Reforço, culatra chata (também com asa de golfinho, normalmente vertical), bolada e joia elevadas, características que se mantiveram até finais do XVII.

Até 1560 as nossas fundições continuaram a fundir os pesados canhões manuelinos, alguns de surpreendente beleza e esmerado acabamento.

D. João III na altura do seu reinado ordenou que todos os canhões fundidos teriam a data da sua fundição, mas isto poucas vezes foi cumprido. A primeira peça que se conhece com esta indicação tem a data de 1533 e é o soberbo espalhafato conhecido

pelo nome de “Tigre”⁸³. Julga-se que este tenha sido fundido por um indiano convertido ao cristianismo, tendo adotado o nome de Francisco Reimão.

A partir do reinado de D. Sebastião não só se dá a transição da colocação das armas reais da bolada para o 1º Reforço como também a coroa real torna-se “fechada” e, além disso, verificaram-se algumas modificações nas legendas e inscrições. Estas teriam que ter obrigatoriamente o nome do Rei, ou seja, a “cifra real” que seria em latim, isto é, “Sebastianus I”, ou abreviado “SBTA”. Por vezes a “cifra real” era seguida de expressões, também elas em latim, e tinham como significado: “Rei por Graça de Deus” ou “Rei da Lusitânia”.

Por norma, as legendas começavam como se de um diálogo se tratasse, ou seja, “Eu fui feita...”; “Fez-me...”; “Eu sou...”; “Eu pertença...”; etc.

⁸³ Este Espalhafato encontra-se atualmente no Museu Militar de Lisboa, mais propriamente na Sala Vasco da Gama e tem o nº de inventário **MML 00020**.

Capítulo III

« Choose a job you love, and you will never have to work
a day in your life »

Confúcio

(Pensador e Filósofo Chinês 551 a.C – 479 a.C)

CAPÍTULO III - ESTÁGIO EM GESTÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL NO MUSEU MILITAR DE LISBOA

1. Origem do Estágio

Na sequência da oferta posta à disposição para a conclusão do mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, da Universidade de Évora, a realização de um Estágio Académico, com a feitura consequente de um relatório final, de modo então a ser adquirido o grau de Mestre foi a proposta eleita uma vez que, poderiam ser aplicados na prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante o primeiro ano letivo.

No segundo semestre de 2011/2012 aquando da elaboração de um trabalho relativo ao Museu Militar de Lisboa, destinado ao seminário de Património Museológico e Construção da Memória, lecionado pelo docente Professor Doutor João Brigola, surgiu por parte de membros da instituição, a proposta de realização do estágio académico, o que desde logo foi aceite, uma vez que surgiu uma oportunidade de ser trabalhado um espaço que necessita de ser dinamizado e valorizado.

Aquando das conversas com o diretor do Museu Militar de Lisboa, o Coronel Luís Sodré de Albuquerque, foram disponibilizadas algumas opções de estágio que iriam ao encontro das habilitações fornecidas pelo mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Ramo Artístico e de História da Arte. Estas seriam: o estudo da Pintura presente no Museu Militar de Lisboa, de onde seria escolhida uma coleção de telas, definida por um tema, de entre os vastíssimos exemplares que o Museu possui, ou mesmo um pintor e estudar as suas obras; o estudo do fardamento militar, tratando a sua evolução e comparando-a com pinturas e gravuras da época correspondente a cada exemplar e finalmente a inventariação da artilharia histórica correspondente aos séculos XIV, XV e XVI, baliza cronológica mais recuada e com maiores lacunas no seu estudo.

Chegou-se assim à conclusão de que a realização do inventário de parte do enorme espólio que se encontra sob a alçada do Museu Militar de Lisboa seria o mais

indicado. Então decidiu-se que a Artilharia Histórica que compreende os séculos XIV, XV e XVI, seria um importante objeto de estudo, pois até hoje poucos foram os que se interessaram pelo assunto, pois os séculos referidos correspondem ao início do uso da Artilharia, à sua aceitação plena e posterior fundição em Portugal e na Europa e também devido ao facto de a informação existente não diferir significativamente entre as várias obras.

Após o processo de oficialização do estágio, já com o tema definido, passou-se à questão de como seria então trabalhada a coleção e o que se faria para que pudesse ser realizado por uma mestrandia de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural. Concluiu-se que se teria que conhecer as falhas do Museu Militar de Lisboa relativas à coleção de artilharia de modo a que as propostas para a sua dinamização e valorização fossem as mais adequadas.

O primeiro passo foi procurar-se todos os suportes, presentes no Museu Militar de Lisboa, que referenciassem os exemplares de Artilharia Histórica que seriam trabalhados e o que se verificou foi a existência do *Catálogo do Museu Militar de Lisboa*, de 1930, onde se encontram alguns exemplares de bocas-de-fogo que abrangem os séculos pretendidos; as fichas de inventário realizadas pelo General Henrique Pereira do Valle, em 1960; o *Guia de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa*, de 1979, que trata todos os exemplares da mesma, presentes na Instituição; algumas fichas de inventário realizadas posteriormente pelo Primeiro-Sargento Magro, atual responsável pela inventariação de todo o espólio do Museu Militar de Lisboa, e, finalmente, as legendas dos exemplares, resultantes das fichas de inventário, do *Guia* e do *Catálogo*.

Verificou-se que as falhas existentes eram bastante significativas e passou-se então à complementação das fichas de inventário das bocas-de-fogo dos séculos XIV, XV e XVI, pois além de ser esse o objeto do Estágio, poucas eram as que estavam devidamente preenchidas e completas. Decidiu-se que após analisar as fichas usadas pelo Museu Militar de Lisboa, criar um modelo novo seria o mais indicado pois as usadas tornavam-se bastante mais complicadas e repetitivas. Para melhor realizar a Inventariação de Artilharia Histórica foram tiradas medidas a todos os exemplares, feitos vários decalques das inscrições dos mesmos e feitas investigações

complementares que ajudassem na perceção da história por detrás de cada boca-de-fogo. Este aspeto nem sempre foi possível de determinar devido à falta de informação.

Finalizadas as fichas de inventariação e acrescentada informação às mesmas, achou-se importante reformular algumas legendas e criar outras, pois as que já existiam acabaram por, após o processo de inventariação, estar incompletas e desatualizadas.

Ainda se achou pertinente, embora sem garantias de que seria posto em prática, uma vez que só as legendas são visíveis pelo público e apresentam uma informação claramente resumida, concretizar um Catálogo da coleção de Artilharia dos séculos XIV a XVI para que fosse possível apontar os exemplares presentes na Instituição com informações mais detalhadas, de modo a poder ser consultado ou adquirido por quem assim o desejasse. Verificou-se que para realizar tal desejo, a mestrandia teria que ter conhecimentos técnicos para o efeito. Uma vez que não os possui e de modo a não se distanciar do objetivo máximo deste trabalho de investigação, achou-se por bem que na constituição do *site*, outra das propostas para dinamizar o Museu Militar de Lisboa e abordada em seguida, fosse colocada uma referência às peças que compreendem os séculos de estudo. Esta referência tem por base as fichas de inventário, sendo um pequeno resumo destas, isto é, em cada página referente a uma sala que contém exemplares de Artilharia Histórica, foi feita uma breve introdução da mesma e escolhidos alguns exemplares, consoante a sua pertinência, englobando os seguintes campos:

- Fotografia;
- Nome;
- Descrição sumária:
- Proveniência;
- Dimensões

Finalmente, e como já foi de forma breve referenciado anteriormente, visto que se atravessa uma Era incontornável da tecnologia, achou-se por bem prestar atenção ao *site* do Museu Militar de Lisboa e perceber-se o quão útil se mostraria na divulgação da Instituição. Feito isto, notou-se que se encontrava bastante desatualizado e muito

pouco apelativo, não indo ao encontro do seu objetivo. Assim passou-se à reformulação do mesmo, nunca desperdiçando o trabalho e o *layout* existentes, dando enfoque à Artilharia Histórica e criando algumas páginas que se acharam pertinentes, isto é:

- 'A Peça do Mês', onde todos os meses seria selecionada uma peça, quer exposta no Museu Militar de Lisboa, quer presente na sua Reserva e que possuísse uma curiosidade ou valor histórico significável. Pretender-se-ia variar a categoria de cada mês de modo a que fossem mostradas todas as que integram o espólio/acervo do Museu (Artilharia, Pintura, Escultura, Fardamento, etc.). Para o primeiro mês foi proposto uma peça de Artilharia Histórica, mais propriamente "A Peça de Diu", datada de 1533 e que esteve relacionada com a fundição da Estátua Equestre de D. José I, presentemente localizada na Praça do Comércio em Lisboa.
- 'Publicações', onde seriam apresentados alguns títulos vendidos na Loja do Museu Militar de Lisboa, abrangendo vários assuntos dentro do tema principal, isto é o Militar.
- 'Infraestruturas', onde os núcleos sob a alçada do Museu, isto é, o Museu Militar do Buçaco e a Sala dos Gessos, seriam sucintamente tratados, dando-os a conhecer ao público.
- 'Sites' de instituições que estão relacionadas com o MML, ou seja, o Museu da Marinha, o Museu do Ar, o Museu Militar do Buçaco e a Direcção de História e Cultura Militar.

Durante a realização do Estágio Académico ainda foram realizadas outras atividades consoante as necessidades do Museu Militar de Lisboa, isto é, realização de visitas guiadas e complementação de pesquisas para a realização da inventariação levada a cabo pelo Primeiro-Sargento Magro.

2. Contextualização do trabalho de Estágio: da importância da Inventariação ao trabalho no terreno

Inicialmente há que tentar conseguir uma definição, o mais aproximada possível, para o conceito de Património, que ao longo dos anos foi sofrendo várias alterações.

A ideia de Património foi desde cedo relacionada apenas com o Monumento Histórico, isto é, os grandes edifícios visíveis e que se encontravam construídos, tais como igrejas, catedrais, palácios, castelos, etc. Os primeiros inventários, não com a conotação que lhe é atribuída hoje em dia mas como um meio de controlo de bens, podem ser considerados como sendo os *Testamentos*, ou seja, quando se pretendia que algo passasse, através de doação, de um proprietário para outro, sendo um bem móvel ou construído. Este aspeto permitia que houvesse um conhecimento, embora que reduzido, dos bens pertencentes a um particular.

As questões relativas ao Património e conseqüentemente ao inventário ganharam força a partir da segunda metade do século XX, uma vez que com a ocorrência das duas grandes guerras, muitos foram os bens destruídos nas cidades intervenientes. Devido a uma maior sensibilidade em relação aos vários contextos históricos inerentes ao edificado e à vontade emergente de reconstruir o que foi destruído, para que fossem rapidamente esquecidos os acontecimentos resultantes desses confrontos, foi necessário perceber a dimensão da destruição através da realização de listas mais ou menos detalhadas que fornecessem essa informação.

Começou assim a prática do inventário, ainda não de forma sistemática mas já com algum cuidado, podendo dizer-se que foi a partir desta altura que foi iniciada.

O Inventário hoje em dia é requisitado e utilizado nos mais variados casos, uma vez que tem várias funções, isto é, interpretar, proteger, conservar, educar, etc., e a importância que lhe é atribuída corresponde ao grau de interesse e à sensibilidade dos indivíduos/instituições que interagem diretamente com o Património.

Realizar um bom inventário que seja preciso e objetivo nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que para que o seja são necessárias muitas informações que nem sempre

estão ao alcance do seu executor. Isto deve-se a várias razões, mas a mais recorrente e nomeadamente no que diz respeito a períodos mais longínquos, é a inexistência dessa, ou porque nunca houve uma fonte bibliográfica ou porque essa foi destruída⁸⁴.

A existência de uma ficha de inventário relativa a um objeto ou a um edifício faz com que, além de se ter um conhecimento significativo do mesmo, se possa protegê-lo legalmente. Nesta têm que estar presentes alguns campos que se podem dizer obrigatórios e que são comuns a todo o Património seja móvel ou imóvel, tangível ou intangível. Estes são: nome, data de produção/início, proveniência/país de origem, características gerais, dimensões e material (para o caso do Património tangível), e esta informação tem que ser sempre acompanhada por uma ou várias fotografias que mostrem bem as características específicas e gerais do que se está a inventariar. Sem serem os pontos referidos anteriormente, muitos podem ser os outros que complementem uma ficha de inventário, sendo que dependem do próprio objeto de estudo e das suas características e claro do seu executor.

2.1. A Coleção de Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI do Museu Militar de Lisboa: Elaboração das Fichas de Inventário

Antes de mais é de interesse perceber o porquê da constituição de uma *Coleção*, isto é, a noção de colecionismo no sentido mais estrito da palavra vem do início do século XVII, uma vez que é a partir daqui que começa a existir essa mesma noção. Como tal, é neste século que se começa a entender que essa mesma noção era uma prática bastante antiga, recuando ao tempo dos primeiros homens, pois é de certa forma correto pensar que desde a existência destes que há uma pulsão imanente de colecionar objetos, das mais diversas tipologias.

Este colecionismo deve-se aos mais variáveis fatores, tais como contemplação do objeto, posse, poder, *status*, distinção, mas também ao facto de os objetos

⁸⁴ BOLD, John, et. al., *Guidance on Inventory and Documentation of the Cultural Heritage*, Publishing Editions, Council of Europe, 2009.

constituírem uma memória identitária, quer social, quer privada para o colecionador bem como, possuírem um valor estético/autoral. Importa claro dizer que nem todos estes aspetos se verificam quando se tenta atribuir um porquê ao colecionismo logo nos primórdios do Homem, devido à simplicidade que as primeiras sociedades apresentavam neste aspeto.

Todo e qualquer objeto pode ser constituinte de uma coleção, porque depende de quem coleciona e do que cada objeto simboliza para si. Este aspeto é importante uma vez que até ao Renascimento existia a noção de *Entesouramento*, ou seja, os objetos eram vistos e mais apreciados devido ao seu valor venal e ao facto de serem vistos como elementos de prestígio com valor económico uma vez que, teriam a última função de serem vendidos caso existissem situações em que o mesmo fosse necessário. Relativamente aos objetos constituintes de uma coleção, sejam eles de que tipologias forem, estes, antes de serem coletados têm um valor de uso/valor económico que desaparece quando já fazem parte de uma coleção, passando assim a serem considerados como semióforos, uma vez que além de ser objetos carregados de simbologia, têm uma narrativa⁸⁵.

O Renascimento é considerado como o período em que o colecionismo esteve mais ativo, possuindo duas grandes tendências, a de matriz germânica baseada em objetos ligados ao misticismo/magia, às maravilhas bizarras, exóticas, fora do comum, quer fizessem estas parte da *Naturalia* (natureza), da *Artificialia* (“mão do Homem”). A outra matriz é italiana, com foco em Florença pela corte dos Medici encontrando-se esta ligada à Arte (pintura, escultura)⁸⁶.

É nesta altura que se constituem os *Gabinetes de Maravilhas* onde se verificava um acentuado horror ao vazio e onde os objetos eram colocados, não pela relação que tinham entre si mas pelo elemento surpresa e pela cenografia, ou seja, não existia uma

⁸⁵ POMIAN, Krzysztof, *Colecção*, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1 (Memória-História), Lisboa, IN/CM, 1984, pp.51-86.

⁸⁶ *Ibidem*.

sistematização até porque ainda não tinha sido criada a Taxonomia de Lineu⁸⁷. Estes *Gabinetes* seriam privados no seu início, apenas abertos às elites, passando no século XVII a públicos e já com o nome de *Gabinetes “Científicos”*, devido à força da História Natural, sendo que na segunda metade deste século era o próprio Estado a alimentar o colecionismo público.

O acervo dos Museus Militares no geral este é em tudo heterogéneo, uma vez que além de ser constituído por várias tipologias dentro do mesmo tema, é ainda constituído por objetos originais, réplicas e maquetas que se relacionam com acontecimentos históricos, na sua maioria de elevada relevância. A incorporação de grande parte dos objetos constituintes da Coleção das instituições militares é feita através de doações de familiares de militares, sendo estes *memorabilia*⁸⁸, ou porque esses mesmos objetos representam uma técnica significativa de uma determinada época.

Segundo a *American Association of Museums*⁸⁹, o dever de um museu é fazer a ponte entre as suas coleções e as várias gerações vindouras. Assim os museus têm igualmente como dever, conhecer o seu acervo de modo a que estejam localizados todos os seus exemplares, bem como preservar e conservar os mesmos. Sem estas preocupações por parte dos *Museus Militares*, pode colocar-se em causa a própria existência dos mesmos, tal como é referido pelos autores Gary Edson e David Dean *“Without proper management, museums cannot provide the proper care and use for collections, nor can they maintain and support an effective exhibition and education program. Without proper management, public interest and trust can be lost and the existence of a museum may be jeopardized”*⁹⁰.

⁸⁷ Carolus Linnaeus desenvolveu esta Taxonomia no século XVIII durante a grande expansão da história natural. Esta classifica os seres vivos numa hierarquia de reinos, filos, classes, ordens, famílias, géneros e espécies. (http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Taxonomia_de_Lineu - 18 Outubro 2013)

⁸⁸ Palavra latina, plural neutro substantivado de *memorabilis*, -e, memorável. Conjunto de coisas ou acontecimentos memoráveis; conjuntos de objetos. (<http://www.priberam.pt/dlpo/> - 18 Outubro 2013)

⁸⁹ “The American Association of Museums missions is to nurture excellence in museums through advocacy and service.” (<http://www.aam-us.org/about-us> - 18 Outubro 2013).

⁹⁰ RODRIGUES, F.A. Amado, *Uma Nova Rede de Museus para o Exército Português*, Tese de Mestrado em Museologia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

Relativamente a estas questões o *Manual de Gestão de Coleções* é uma ferramenta importante, pois conta com a contribuição de vários autores que se debruçaram sobre as diretrizes que deverão ser adaptadas à realidade e necessidades de cada instituição museológica.

Após este breve resumo sobre o Colecionismo, passa-se agora aos exemplos que se encontram em estudo, ou seja, a *Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI* e ao próprio Museu Militar de Lisboa.

Como já foi visto anteriormente neste relatório, as *Tercenas das Portas da Cruz*, a *Tenência*, o *Real Arsenal do Exército*, e não esquecendo as restantes fundições do continente Português e das possessões ultramarinas, isto é, Angola, Índia, Malaca e Macau, fundiram muitas peças de artilharia, inicialmente de ferro forjado como era praticado no resto do mundo, e por fim, de bronze comprimido, acompanhando igualmente as práticas mundiais⁹¹.

A *Artilharia* que foi fundida do século XIV ao século XIX, em determinadas épocas, possuiu algumas características exclusivamente portuguesas tendo até conceções técnicas únicas.

O espólio existente no Museu Militar de Lisboa, nomeadamente os exemplares de artilharia portuguesa fabricados no País, mostram bem a destreza dos fundidores portugueses, bom como as influências estrangeiras que receberam, quer tenham sido essas transmitidas por artistas estrangeiros que se deslocaram a Portugal, quer recebidas nos territórios onde os portugueses se fixaram⁹².

A coleção *Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI*, estudada neste relatório é constituída por sessenta e cinco exemplares, com as mais diversas denominações, sendo muitos deles fundidos fora de Portugal, embora em cidades de domínio português. No seu conjunto, todos os exemplares de artilharia presentes no *Museu Militar de Lisboa*,

⁹¹ *Artilharia Histórica Portuguesa Fabricada em Portugal*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1998.

⁹² VITERBO, F. M. Sousa, *Fundidores de Artilharia*, in *Revista Militar*, Lisboa, 1901

constituem uma das coleções mais importantes, quer pelo seu valor histórico quer pelo seu valor real.

Em relação à prática de inventariação no Museu Militar de Lisboa, esta teve início por volta dos anos 30 do século passado, notando-se a vontade e certa necessidade de perceber o que se encontrava exposto e as características que possuíam. Após este período inicial, o sentido de importância relativa à prática de inventariação foi crescendo e como tal, em 1960 o General Henrique Pereira do Vale faz o inventário de toda a artilharia histórica presente no Museu, dando depois origem, em 1979 à realização de um pequeno catálogo⁹³ de artilharia história precisamente.

Mais tarde, e com o avançar da tecnologia, a inventariação informatizou-se passando assim a utilizar-se o programa *IN ARTE PLUS*⁹⁴, que até Setembro de 2011 foi usado com sucesso. Nesta altura há uma atualização do programa e este passa a denominar-se *IN ARTE PREMIUM* que veio uniformizar a linguagem usada bem como a base de dados dos Museus Militares portugueses, uma vez que foi a partir daqui que todos adotaram as mesmas designações, tipologias, etc., havendo igualmente uma maior comunicação entre as inventariações levadas a cabo por cada um.

Durante o estágio no Museu Militar, que teve precisamente como objetivo a inventariação da artilharia histórica dos séculos XIV a XVI, houve a necessidade de que fosse criado um novo modelo de inventariação, uma vez que a única pessoa que tem acesso ao *IN ARTE PREMIUM* é o Primeiro-Sargento Magro, não por sua vontade mas porque o seu computador é o único em que foi instalado o mesmo.

Como tal, após um estudo do modelo de inventariação do programa, das fichas de inventário elaboradas em 1960 pelo General Henrique Pereira do Vale e da própria

⁹³ *Guia de Artilharia do Museu Militar de Lisboa*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1979.

⁹⁴ “Destinado à gestão do património cultural móvel o *IN ARTE PLUS* foi o primeiro produto a ser desenvolvido pela Sistemas do Futuro e encontra-se em utilização por um vasto número de instituições (Museus, Fundações, Universidades, etc.) com responsabilidades nesta área de salvaguarda do património. Está em concordância com respeito as normas internacionais de inventário, gestão e documentação de património, com especial atenção para as normas elaboradas pelo “International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC)”; “Normalización documental de Museos” (Ministério da Cultura Espanhol), “Spectrum: The UK Museum Documentation Standard (Collections Trust)” e finalmente as Normas de classificação de património da UNESCO.

visualização *in loco* das características das peças a inventariar, chegou-se à conclusão de que se criaria uma única ficha de inventário uma vez que, embora de séculos diferentes, tinham quase todas as mesmas características.

Inicialmente para que houvesse uma melhor organização, os exemplares foram divididos por século de fundição, ou seja, século XIV, século XV e século XVI, dando origem à seguinte grelha:

Século XIV	Século XV	Século XVI
7 Exemplares	6 Exemplares	52 Exemplares

De seguida organizaram-se cinco listas, cada uma correspondendo a uma sala do Museu, onde se colocaram os exemplares a inventariar em cada uma delas, bem como o século a que pertenciam. Foram pedidas as plantas das salas com a localização de cada exemplar de modo a perceber se teriam mudado de lugar, se de facto se encontrariam no mesmo local ou até mesmo se teriam sido emprestadas a outras instituições. Este fato verificou-se e como tal estas mesmas plantas tiveram que ser reformuladas⁹⁵. Cada exemplar além do nome tem uma letra e um ou mais algarismos representando o número de inventário que se encontra em concordância com o *Guia de Artilharia Histórica*⁹⁶, sendo que todos os exemplares que possuem Museu Militar de Lisboa seguidas de um número, como por exemplo “MML 001517” foram inventariados após a publicação do mesmo *Guia*. Após a revisão das plantas de localização e da deslocação a cada sala de modo a perceber se de facto havia correspondência entre as mesmas e a situação atual, resultaram as seguintes listas:

⁹⁵ Anexo IV – Localização das Bocas-de-fogo no Museu Militar de Lisboa: Disposição nos diferentes espaços, revisão: Estela Marzia, Fevereiro 2013.

⁹⁶ *Guia de Artilharia Histórica do Museu Militar*, Museu Militar de Lisboa, 1979.

Lista 1 – Cave

A2 – Trom	C6 – Selvagem
A4 – Falcão Pedreiro	C7 – Canhão Pedreiro
A9 – Berço	D4 – Serpentina-colubrina Bastarda
A11 – Falcão	D5 – Áspide ou Meia Colubrina Bastarda
A13 – Esmerilhão	D6 – Canhão Pedreiro
A15 – Serpentina	E3A – Meio Canhão
B3 – Camelete	E5 – Moiana ou Sacre Bastardo
B4 – Camelo	E15A – Meio Canhão
B5 – Camelete	MML 001517 – Leão
B6 – Áspide	R14 – Dragão (Dupla Colubrina)
C4 – Dupla colubrina bastarda	R16 – Leão
C5A – Leão	

Lista 2 – Pátio dos Canhões

D1 – Serpe	R17 - Serpentina
D2 - Falconete Bastardo	S1 - Falconete
D3 - Peça de Campanha	S2 - Meia Colubrina Bastarda
D8 – Moiana	S2A - Sacre
E1 - Meio Canhão	S2B - Sacre Bastardos
E2 - Canhão Serpentino	S7 - Quarto de Canhão
E3 - Terço de Canhão	S8 - Meio Canhão Pedreiro
E4 - Meio Canhão	S9 - Meia Colubrina
R2 - Meio Canhão	S33A - Basilisco
R15 - Dupla Colubrina	S33B - Colubrina

Lista 3 – Sala D. Nuno Álvares Pereira

A1 - Bombarda Grossa	Coleção Rainer - Trom
A3- Bombarda Grossa	

Lista 4 – Sala Infante D. Henrique

A7 - Braga de Falcão	MML00550 - Berço
MML 02415 - Bombarda	

Lista 5 – Sala Vasco da Gama

A5 - Falcão Pedreiro	B9 - Berço
A8 – Cão	C1 - Espera ou Terço de Canhão
A10 – Berço	C2 - Leão
A12 – Falconete	C3 - Leão
B1 – Berço	R23 - Espalhafato
B2 – Camelete	R25 - Áspide
B7 – Áspide	R26 - Espalhafato
B8 – Camelete	S33 - Bombarda Grossa

Após a realização destas, comparou-se a informação presente no *Guia de Artilharia Histórica* bem como nas fichas de inventário realizadas pelo Coronel Henrique Pereira do Vale no ano de 1960. Um aspeto importante foi tentar perceber quem teriam sido os fundidores das peças a inventariar e como tal, encontraram-se as seguintes marcas fundidores num texto datilografado do Coronel Valdez dos Santos⁹⁷:

Diogo Garcia
(1550 - 1554)

António Garcia
(1590 - ?)

João Alvares
(1518 - 1554)

João Luís
(1503/08 - 1541)

Cosme Dias
(1576 - 1589)

Francisco Dias
(? - 1589)

⁹⁷ SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Artilharia de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, (Texto não editado. Doado ao Museu Militar de Lisboa em 2011).



João Dias
(1548 - 1575)



João Vicente
(1537 - 1546)

O grupo de fotografias para cada peça muitas vezes encontrava-se incompleto, uma vez que muitos eram constituídos apenas por uma fotografia, isto é, uma vista geral, que não elucidava o suficiente sobre os pormenores da peça. Assim, foram tiradas fotos a todas as peças, alvo de inventariação, captando vários ângulos e pormenores das mesmas. Estas fotografias foram todas incluídas nas fichas de inventário.

Em simultâneo foram igualmente conferidas as medidas das peças, isto é, medida total, medida da alma, largura (incluindo os munhões) e calibre de cada uma, de modo a que se tivesse total certeza de que as medições que se encontravam nos documentos existentes estavam corretas. De facto, este aspeto não se verificou para algumas peças, pois os valores que eram apresentados nas fichas de inventário de 1960 não correspondiam aos valores do *Guia*, mostrando-se assim importante a confirmação das medidas de cada peça inventariada.

Tendo então sido realizadas todas as ações descritas até aqui, passou-se então à elaboração das fichas de inventário da Coleção de Artilharia dos Séculos XIV a XVI, onde foram encontradas algumas dificuldades, nomeadamente no campo do *Historial* e da *Incorporação*, mas veja-se o modelo escolhido⁹⁸:

Nº de Inventário: (Com base no *Guia de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa*, ou então com a designação **MML** (Museu Militar de Lisboa) seguida de algarismos, sendo estas, as peças que foram inventariadas após 1979)

CLASSIFICAÇÃO

Categoria: (Património Móvel)

⁹⁸ Apresenta-se apenas o modelo da ficha de inventário escolhido uma vez que, as fichas de inventário das peças de artilharia serão apresentadas na sua totalidade no Anexo IV – Fichas de Inventário da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI.

Subcategoria: (Armamento Militar - Artilharia Histórica)

IDENTIFICAÇÃO

Denominação: (Nome científico e/ou nome comum, pelo qual a peça é conhecida mais facilmente)

Outras denominações: (Outros nomes pelos quais a peça possa ser conhecida)

Descrição: (Características da peça)

Localização: (Sala/Local onde a peça se encontra)

REPRESENTAÇÃO

Iconografia: (Motivos iconográficos, caso os possua e em que parte da peça se encontram)

Heráldica: (Motivos heráldicos, caso os possua e em que parte da peça se encontram)

Inscrição: (Inscrição/siglas, caso as possua e em que parte da peça se encontram)

Subscrição: (Inscrição/siglas secundárias, caso as possua e em que parte da peça se encontram)

PRODUÇÃO

Autoria: (Nome do fundidor)

Justificação: (Apresentação da marca do fundidor)

DATAÇÃO

Data de Fundição: (Muitas vezes presente na peça, outras porque se assemelha bastante a peças que estão datadas)

Justificação: (Presença da data de fundição ou semelhança a outras já datadas)

MATERIAIS E DIMENSÕES

Material: (Material de que a peça é feito)

Dimensões: (Comprimento Total / Comprimento da alma / Largura (incluindo munhões) / Calibre)

CONSERVAÇÃO

(Muito Bom / Bom / Razoável / Mau)

HISTORIAL

(Factos históricos conhecidos acerca da peça)

INCORPORAÇÃO

Modo de incorporação: (Compra / Doação / Recolha / Transferência / etc.)

Data de incorporação: (Data em que a peça passou a incorporar o Museu Militar de Lisboa)

OUTRAS OBSERVAÇÕES

(Informações pertinentes e complementares aos pontos anteriores)

IMAGEM

(Conjunto de imagens da peça, mostrando uma vista geral e vários pormenores)

BIBLIOGRAFIA

(Fontes bibliográficas nas quais a peça é referida)

AUTOR

(Responsável pela aplicação da ficha, e, no caso, pela feitura)

Capítulo IV

*«Real museums are places where Time is transformed into
Space»*

Orhan Pamuk

CAPÍTULO IV - SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE ARTILHARIA HISTÓRICA DO MUSEU MILITAR DE LISBOA (SÉCULOS XIV A XVI)

1. O Património Militar Português e a sua Salvaguarda

O Património Militar em Portugal é bastante vasto, desde os vários espaços acastelados às coleções visitáveis e até privadas.

No que diz respeito aos espaços acastelados existem vastas centenas de exemplos, entre os quais: o Castro de Alvarelos ou Castro de São Marçal, na Trofa (Bronze Final)⁹⁹; o Castelo de S. Jorge em Lisboa (século II a.C.)¹⁰⁰; o Castelo dos Mouros em Sintra (século VIII/IX)¹⁰¹; e o Forte de Milreu (1640)¹⁰². Referindo apenas uma ínfima parte.

Relativamente à salvaguarda destes espaços todos estão classificados, tendo sido o primeiro classificado como Monumento Nacional no ano de 1910 pois constitui um importante testemunho de ocupação humana uma vez que existem vestígios de que foi construído durante o Bronze Final e teve ocupações na Idade do Ferro, época de presença romana e Idade Média. O segundo e o terceiro viram-se classificados igualmente em 1910 como Monumento Nacional uma vez que são exemplos importantes e únicos no país, mostrando uma arquitetura bem como técnicas construtivas de excelência. O quarto exemplo apenas em 1977 é classificado sendo-lhe

⁹⁹ <http://www.portugalromano.com/2011/11/Castro-de-alvarelos-alvarelos-trofa/>, acesso a 18 Agosto 2013; TORRES, Joaquim, *Tesouro Monetário Dos Castro De Alvarelos: Estudo Numismático: Seriação Cronológica E Histórica*, Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1979.

¹⁰⁰ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3128, acesso a 18 Agosto 2013; SILVA, António Vieira da, *O Castelo de S. Jorge em Lisboa: Estudo Histórico-descritivo*, Tipografia Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1937.

¹⁰¹ [http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_\(Sintra\)](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_(Sintra)), acesso a 18 Agosto 2013; COSTA, Francisco Pedro Ribeiro e, *Castelo de Sintra ou Castelo dos Mouros*, Portugal Histórico, Lyon Multimédia, Mem Martins, 1996; http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4641, acesso a 18 Agosto 2013;

¹⁰² <http://www.historiadeportugal.info/forte-do-milreu/>, acesso a 18 Agosto 2013; COSTA, Aníbal Gil da, *Os Fortes Costeiros de Santa Susana e S. Pedro de Milreu, no Concelho de Mafra: Achegas para a sua história*, Boletim Cultural 1996, Mafra, 1997, pp. 105-132.

atribuída a designação de Imóvel de Interesse Público, fazendo com que fosse alvo de campanhas de reconstrução e conservação na década de 80 do século passado.

As coleções visitáveis também são consideráveis, sendo exemplos, a Coleção Visitável do Buçaco, dependente do Museu Militar de Lisboa, e constituída por espólio deste. A sua organização e inventariação estão a cargo do Tenente-Coronel Tomás, vice-diretor do Museu Militar de Lisboa. Este processo ainda não se encontra concluído mas no entanto já é possível visitar o espaço. É também exemplo a Coleção Visitável da Cavalaria Portuguesa¹⁰³, sediada na Escola Prática de Cavalaria em Abrantes. A sua existência deve-se ao Tenente-Coronel Salgueiro Maia que iniciou a recolha do material patente nesta Coleção que foi inaugurada apenas em 2005 na Escola Prática de Cavalaria de Santarém. Com a mudança desta para as instalações atuais em Abrantes, a Coleção mudou assim também de instalações, ocupando desde 17 de Abril de 2009 uma antiga caserna do antigo Regimento de Infantaria 2. A coleção encontra-se organizada em treze espaços, seguindo uma ordem cronológica que se inicia na Pré-História e termina na participação das tropas portuguesas em confrontos internacionais contemporâneos.

Em relação às coleções privadas, é impossível saber ao certo quantas existem mas decerto que são constituídas pelos mais variados objetos, desde armamento a fardamento estando a sua salvaguarda a cargo dos respetivos proprietários.

Os museus militares em Portugal são: o Museu Militar dos Açores, o Museu Militar da Madeira, o Museu Militar de Elvas, Museu Militar do Porto, Museu Militar de Bragança, Museu Militar do Buçaco, sendo este último uma dependência do Museu Militar de Lisboa. Cada um destes museus tem um espólio próprio, isto é, enquanto o Museu Militar de Elvas possui carros de guerra mostrando a sua evolução, o Museu Militar de Lisboa mostra a evolução do armamento individual, ou seja, armaduras, espadas, pistolas, etc., bem como o fardamento utilizado nos confrontos armados em que Portugal participou. Importa referir ainda que muito do espólio apresentado nestes museus pertence ao Museu Militar de Lisboa, tendo sido emprestado ou transferido.

¹⁰³ A coordenação científica desta coleção esteve a cargo do Tenente-Coronel Francisco Amado Rodrigues e do Dr. Sanches Baena. (<http://www.abarca.com.pt/?cix=noticia428955>, acesso a 20 Agosto 2013).

A salvaguarda dos museus militares acima referidos está a cargo da Direção de cada um, embora esta esteja dependente da Direção de História e Cultura Militar que tem a última palavra e que de certa forma gere os museus.

2. Proposta de Salvaguarda e Valorização da Coleção de Artilharia Histórica do Museu Militar de Lisboa

2.1. Revisão e Atualização das Tabelas das Bocas-de-fogo

Antes de mais importa referir a importância que a *Tabela* tem num Museu, isto é, é ela que informa, embora de forma breve, o visitante sobre o que está a ver. É necessário que esta seja o mais completa possível de modo a que forneça informação chave sobre a peça, sem que seja extensa. O importante é ser elucidativa e direta.

Aquando da realização da inventariação da coleção de Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI, notou-se que iriam ser alteradas algumas informações e como tal achou-se que seria importante reformular as tabelas das peças¹⁰⁴, pois muitas estavam bastante incompletas, dando uma informação muito resumida ao visitante, e outras simplesmente não existiam ou estavam erradas, não correspondendo assim à função que deveriam ter.

À medida que se ia realizando a inventariação das bocas-de-fogo, foram-se tirando fotografias das tabelas, uma vez que não era conveniente retirá-las dos seus lugares, para que posteriormente fossem comparadas com a informação das fichas de inventário e então reformuladas.

Após a realização de todas as fichas de inventário, a informação daí recolhida foi comparada com a que estava nas tabelas e de facto era importante acrescentar-lhes informação, pois encontravam-se bastante sucintas deixando até desconhecidos factos

¹⁰⁴ Anexo V – Tabelas reformuladas da Artilharia Histórica dos Séculos XIV a XVI.

importantes que suscitariam muito mais curiosidade e elucidariam melhor os visitantes. Reformularam-se assim sessenta e cinco tabelas, mas veja-se aqui apenas um exemplo:

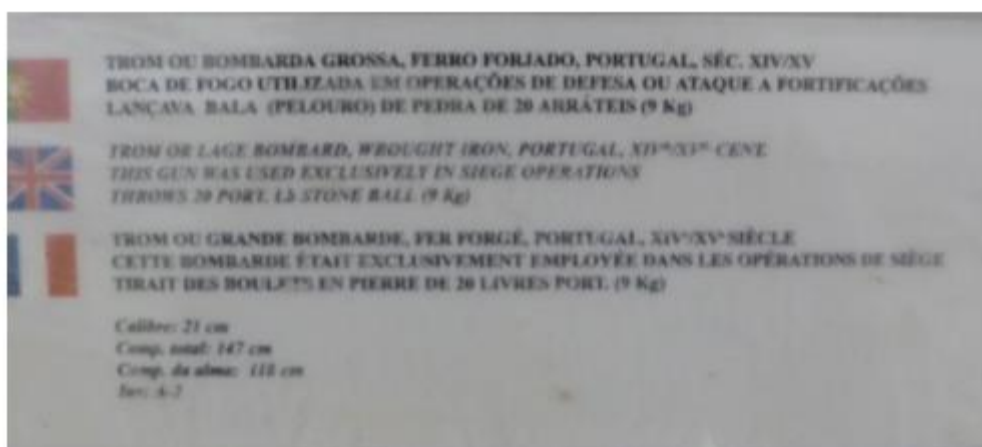


Figura 19 – Tabela da boca-de-fogo A2 exposta nas Caves Manuelinas do Museu Militar de Lisboa.

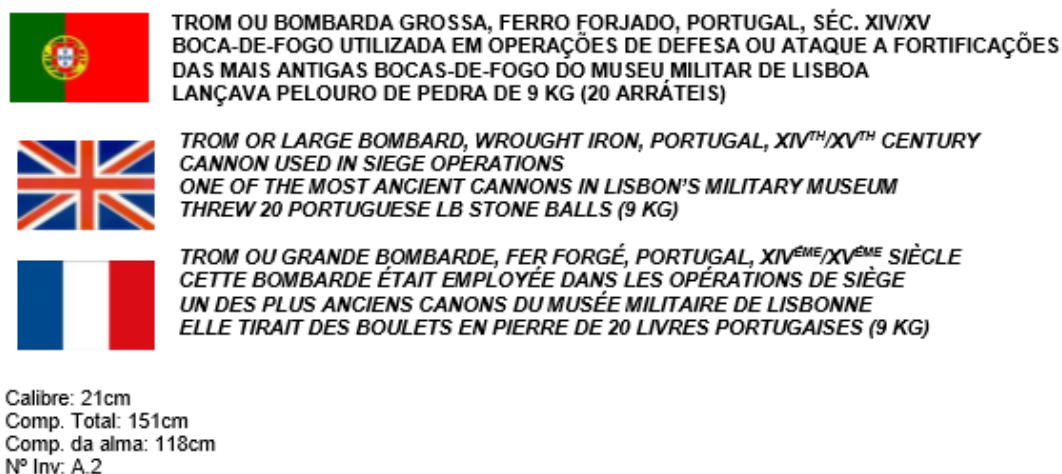


Tabela reformulada da boca-de-fogo A2 exposta nas Caves Manuelinas do Museu Militar de Lisboa.

2.2. Divulgação da Coleção no Site e a sua dinamização no Museu

Inicialmente foi pensado que seria importante, após a realização das fichas de inventário formar um Catálogo referente à Coleção então formada de Artilharia Histórica. Esta ideia rapidamente foi posta de lado uma vez que a sua realização requer conhecimentos específicos que não foram adquiridos durante o mestrado de Gestão e

Valorização do Património Histórico e Cultural, nem durante o Estágio no Museu Militar de Lisboa, chegando-se assim à conclusão de que seria importante divulgar esta coleção de outra forma.

Não podendo então criar-se um Catálogo, achou-se pertinente colocar alguma referência no *site* do Museu. Foi-se assim verificar o estado deste e de facto notou-se que seria de extrema importância reformulá-lo pois ao consultar os *sites* do *Museo del Ejército*, do *National Army Museum* notou-se uma discrepância bastante significativa entre estes dois exemplos e o do Museu Militar de Lisboa. Este aspeto talvez se verifique pelo facto do *site* do museu português estar incorporado no site do próprio Exército, embora de certa forma não pareça ser motivo para que esteja tão desprovido de informação, e tão pouco interativo, como deveria ser uma vez que tem a função de aguçar, a quem consulte o *site*, curiosidade e dar a conhecer embora que de forma bastante resumida, o Museu e o que nele pode ser visto.

Os *sites* dos dois primeiros exemplos apresentados e que já se compararam com o Museu Militar de Lisboa, possuem uma estrutura que se nota cuidada, mostrando itens à venda nas suas lojas, atividades que vão decorrendo nas suas instalações, exposições temporárias, entre outros. No caso do *site* do *Museo del Ejército*, este apresenta uma visita virtual, muito interativa e que dá uma perspetiva geral das salas do museu e o que nelas está exposto. O *National Army Museum* não possui uma visita virtual mas no seu *site* podemos pesquisar peças do seu acervo inventariado bem como consultar uma lista de *Useful Books* (“Livros Úteis”) para quem se interessa pelo tema militar. O último exemplo, isto é, o *Museo Militar Regional de Canarias* não possui um *site* próprio, estando alguma informação a ele referente em alguns *sites* da região¹⁰⁵.

Voltando ao *site* do Museu Militar de Lisboa, a reformulação deste contou com a adição de uma página dedicada à *Peça do Mês*, peça essa que pode ser de variados tipos, isto é, artilharia, armamento individual, fardamento, pintura, escultura, etc., mas uma vez que este trabalho visou a inventariação da Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI, a primeira *Peça do Mês* proposta foi propositadamente “A Peça de Diu”, datada

¹⁰⁵ <http://www.santacruzmas.com/SantaCruzMas.asp?Idioma=&IdMenu=6&IdSeccion=12>, acesso a 6 Novembro 2013.

de 1533 e que esteve relacionada com a fundição da Estátua Equestre de D. José I, presentemente localizada na Praça do Comércio (Terreiro do Paço) em Lisboa¹⁰⁶.

Contou ainda com a complementação das páginas dedicadas às *Publicações* que se encontrava vazia, às *Infraestruturas* e aos *Sites* bastante incompletos. Esta reformulação é apenas uma proposta e importa referir que há muito a melhorar no *site* deste museu uma vez que, uma ferramenta deste género requer uma atualização e renovação constantes. Mostra-se agora apenas um exemplo de uma página do *site*, nomeadamente a correspondente à página principal, antes e depois da reformulação¹⁰⁷.

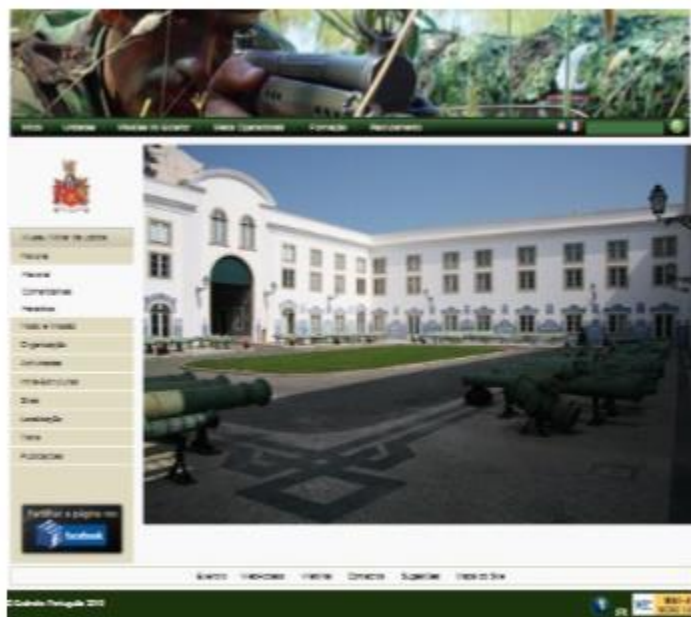


Figura 20 – Página inicial do atual *site* do Museu Militar de Lisboa.

¹⁰⁶ Reza a lenda, que aquando da altura da fundição desta estátua houve escassez de bronze e pensou-se utilizar esta peça. Não se verificou esta ação uma vez que um padre Jesuíta olhou para as inscrições árabes na peça e disse que daria grande azar refundi-la.

¹⁰⁷ A restante reformulação do *site* será apresentada no Anexo VI (*Site* reformulado do Museu Militar de Lisboa).



Figura 21 – Página inicial reformulada, apresentando a missão do Museu Militar de Lisboa, e três hiperligações, uma para a *Peça do Mês*, outra para a *Exposição Temporária* e a última para a *Visita ao Museu Militar de Lisboa*, que consiste na apresentação da lista das salas do Museu.

2.3 Da Inventariação Existente à Proposta de Inventariação da Coleção: **Aplicação das Fichas de Inventário Criadas**

Tal como foi referido ao longo deste Relatório, a Inventariação da Coleção de Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI surgiu da necessidade que o Museu Militar de Lisboa tinha e continua a ter neste campo.

A inventariação existente no início do estágio que deu origem a este relatório encontrava-se pouco completa principalmente a nível dos testemunhos fotográficos e em relação às medidas das peças, pois muitos eram os valores que se verificaram incorretos.

A importância inerente à Inventariação já foi referida anteriormente e culmina na *Ficha de Inventário*, porque independentemente do cariz do móvel/imóvel que se

pretende inventariar, é necessário que se realize um registo que concretize a sua existência. Este registo pode ser feito através de fotografia, vídeo, suporte digital ou suporte de papel e todos se complementam sendo que isolados não são tão eficientes. O registo fotográfico é um importante testemunho na inventariação uma vez que, não basta existirem referências escritas é também necessário estarem presentes fotografias que abranjam o máximo possível de ângulos do que se inventaria, isto para que não se dê aso a interpretações. Assim, fotografaram-se todas as peças que se inventariaram uma vez que, para cada uma só existia uma fotografia, de modo a que fiquem documentadas da melhor maneira possível.

O modelo de ficha de inventário escolhido teve em consideração todas as características das peças de artilharia que se pretendiam inventariar, para que nenhum aspeto fosse esquecido aquando da inventariação.

Para que haja uma melhor perceção do que foi dito em relação ao assunto da inventariação veja-se o resultado no Anexo IV referente precisamente às fichas de inventário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Militar de Lisboa é uma instituição com bastante História, tendo ultrapassado vários percalços como é exemplo o Terramoto de 1755 que avassalou a cidade de Lisboa que causou um nível de destruição imenso neste Museu. Foi superando essas intempéries sendo sempre reconstruído devido precisamente ao papel importante que desempenhava na cidade, inicialmente como fundição de artilharia¹⁰⁸ e mais tarde, graças ao Barão de Monte Pedral, passou a ter características museológicas, organizando o espaço por salas onde foram expostas variadas peças de cariz militar. Estas tinham por objetivo elucidar os cadetes, mostrando-lhes as armas com que se fez História e a sua respetiva evolução.

No que diz respeito às características técnicas deste Museu, as informações que neste Relatório de Estágio estão presentes foram adquiridas através de algumas pessoas que constituem esta instituição, isto é, o Coronel Luís Sodré de Albuquerque, o Major António Mendonça, a Alferes Ana Soares e o Primeiro-Sargento Magro, uma vez que estão diretamente ligadas ao seu funcionamento. Os dados sobre os Públicos foram fornecidos pela Assistente Técnica Conceição Peralta que está responsável pelo tratamento dessa mesma informação.

A comparação com outras instituições, nomeadamente com o *Museo del Ejército*, o *National Army Museum* e o *Museo Regional Militar de Canarias* foi feita com base nos seus *sites* bastante completos, onde são mostradas as práticas museológicas de cada um.

Esta comparação mostrou de forma ainda que breve, a diferença entre estes três exemplos estrangeiros e o Museu Militar de Lisboa. Relativamente aos Serviços Educativos as diferenças são bastante significativas pois quer o primeiro exemplo espanhol, quer o inglês possuem um espaço físico para a realização de atividades no âmbito do tema militar, seja para que faixa etária for, notando-se que há uma

¹⁰⁸ Foi nesta fundição que foi fundida a Estátua Equestre de D. José I que ornamenta a Praça do Comércio em Lisboa.

organização e um serviço consistentes. Relativamente ao terceiro exemplo não há informação de que possua nem, caso haja, que atividades serão realizadas.

Importa referir que os ambientes são diferentes e a própria conjuntura económica sempre se mostrou mais favorável no Reino Unido e até mesmo em Espanha. A própria “sensibilidade museológica” é bastante diferente, uma vez que no exemplo de Inglaterra, desde muito cedo foi desenvolvido um sentido de proteção e salvaguarda do património, o que levou a que fossem criados museus com condições de conservação excecionais comparativamente a Portugal, que se encontra atualmente a evoluir significativamente pois há um maior intercâmbio de ideias entre países, embora tenha que se ter em conta que o ambiente que se vive no País não é o mais favorável para que sejam disponibilizadas verbas para melhorar os museus portugueses.

A informação acerca do tema da Artilharia Histórica é bastante vasta embora hoje em dia não seja frequente a publicação de novas monografias, artigos, etc. que possam acrescentar algo inédito e que revolucione o que até hoje é de certa forma tomado como certo no que diz respeito à Artilharia Histórica dos séculos XIV a XVI. Em Portugal a sua divulgação tem vindo a ser feita em grande parte por militares, que realizaram investigações no âmbito deste tema.

É certo que a pólvora terá aparecido muito antes que a artilharia pirobalística. Com base nos documentos da época, nomeadamente em relação a confrontos armados, só no século XIV começam a aparecer episódios que relatem o uso de engenhos pirobalísticos, bastante simplificados, não sendo mais que simples tubos de ferro forjado com um ouvido na zona na culatra, no qual se colocava a pólvora. Estes eram carregados pela boca, não tinham mira que fizesse com que o tiro fosse preciso e uma vez que eram de ferro, ao dispararem um tiro, aqueciam demasiado e após o disparo teria que se esperar algum tempo para que se pudesse disparar novamente, aspeto que no caso de canhões de bronze já não se verificava. Estes sendo de bronze não aqueciam tanto fazendo com que o disparo fosse menos espaçado.

Neste Capítulo tentou-se fazer uma contextualização histórica e uma breve evolução desta artilharia, uma vez que a primeira é fundamental em qualquer trabalho

e a segunda, dado que existe um limite para a realização deste Relatório de Estágio, não foi assim possível alongar demasiado a explanação, apontando apenas os aspetos mais significativos.

A denominação *Tiro*, atribuída aos antigos engenhos neurobalísticos foi igualmente utilizada nos inícios da artilharia pirobalística, fazendo com que haja confusão ao ler-se os textos que podiam ser elucidativos acerca da época exata em que se começou a utilizar estas novas armas.

Tal como o próprio Coronel Nuno Valdez dos Santos defendeu “Houve bombardas e trons pirobalísticos, como já houvera neurobalísticos.”¹⁰⁹ E de facto as denominações atribuídas a bocas-de-fogo dos finais do século XIV, inícios do XV são *bombarda* e *trom* e a partir dessa altura como se pode ver nas fichas de inventário realizadas e apresentadas no Anexo III deste Relatório, bem como em fontes bibliográficas que tratem igualmente este tema. Tendo estes aspetos em consideração, é de notar a dificuldade de ter de facto uma época certa para o começo da utilização das primeiras bocas-de-fogo.

Quando surgiu a ideia de que seria pertinente realizar um Estágio no âmbito do mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, não foi colocada a hipótese de que fosse o Museu Militar de Lisboa a instituição escolhida para o efeito. Isto deveu-se ao facto de ser uma instituição militar e como tal achou-se que não seria de todo possível a realização do Estágio neste museu. Mas quando se realizou um trabalho sobre este museu destinado ao seminário de Património Museológico e Construção da Memória, lecionado pelo Professor Doutor João Carlos Brigola, foi marcada uma reunião com o Coronel Luís Sodré de Albuquerque onde foram colocadas várias questões para que o trabalho fosse o mais completo possível. Nesta altura e quando foi colocada a questão relativa aos estágios no Museu Militar de Lisboa, foi dito

¹⁰⁹ “Houve *bombardas* e *trons* pirobalísticos, como já os houvera neurobalísticos. Parecem ter sido estes os nomes das primeiras bocas-de-fogo. O termo *canhão* também começou a ser usado cedo, mas no princípio designava apenas a parte dos tiros de retrocarga a que nós chamamos câmara móvel ou caixa.” in: SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Artilharia de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, (Texto não editado. Doado ao Museu Militar de Lisboa em 2011).

que de facto era possível, surgindo assim a oportunidade de realizar o estágio que originou este Relatório.

O Estágio durou trezentas e sessenta e três horas e compreendeu a realização da inventariação de sessenta e quatro bocas-de-fogo. Foram consultadas as fichas de inventário existentes, tiraram-se novas fotografias e medidas uma vez que se achou pertinente. Além da inventariação, ainda foram realizadas pesquisas complementares para trabalho levados a cabo pelo Primeiro-Sargento Magro e no último dia de estágio foi realizada uma visita guiada a um grupo de idosos.

A realização do Estágio Académico que originou este Relatório foi de extrema importância uma vez que, mostrou um pouco como funciona uma instituição ligada ao património e fez com que houvesse uma relação direta com a realização de um inventário.

Com a realização das fichas de inventário puderam-se retirar algumas conclusões de modo a agrupar as bocas-de-fogo em subcategorias, nomeadamente qual o fundidor que apresenta mais peças no Museu Militar de Lisboa, se a maioria possui símbolos iconográficos, qual a proveniência mais comum, etc.. Assim veja-se: em relação às terminologias, encontram-se com mais frequência Meios Canhões (sete bocas-de-fogo) seguidos pelos Trons/Bombardas (6 bocas-de-fogo) e finalmente os Berços e os Leões (cinco bocas-de-fogo de cada); no que diz respeito ao material com que são fundidas, existem na coleção estudada, quarenta e sete bocas-de-fogo de bronze e apenas dezasseis de ferro forjado. O modo de incorporação na sua grande maioria é desconhecido existindo dezanove bocas-de-fogo que foram transferidas para o Museu, onze doadas e duas compradas. Finalmente em relação ao Fundidor, trinta e cinco não possuem qualquer indicação, mas os fundidores que se destacam na coleção são: Remigy de Halut (Bélgica), com cinco bocas-de-fogo; Francisco Reimão (Índia Portuguesa) e João Dias (Portugal) autores de três bocas-de-fogo cada um.

O Património Militar em Portugal, seja ele móvel ou imóvel, é bastante vasto uma vez que a própria História do país está repleta de episódios violentos que ocorreram entre os povos endógenos e os exógenos que pretendiam tomar para si o território

português, como é exemplo a famosa Batalha de Aljubarrota (1385), em que os portugueses lutaram contra as tropas de Napoleão de Bonaparte saindo vencedoras, apontando apenas um exemplo.

Em relação às bocas-de-fogo, são várias as centenas expostas nos museus militares portugueses, fortes, castelos etc. sem esquecer os que se apresenta em fortalezas em territórios outrora de domínio português e que foram fundidas em Portugal, ou por portugueses *in loco*. A sua conservação é da responsabilidade de quem as tutela, embora no caso dos fortes essa conservação deva ser bastante mais ativa pois estão na costa e como tal a degradação é bastante mais elevada, dada a proximidade do mar.

Atualmente a humanidade atravessa uma ‘Era Tecnológica’ e como tal a melhor maneira de publicitar algo, neste caso o Museu Militar de Lisboa, seria através do seu *site*. Assim este foi reformulado para que se tornasse mais apelativo e interativo e que fosse igualmente informativo, sendo respeitado o *layout*, pois o *site* do Museu encontra-se anexado ao do próprio Exército. Neste “novo” *site* foi acrescentada a página ‘Peça do Mês’, que poderá ser uma peça que se encontre exposta no Museu ou que, de preferência, esteja na sua Reserva, de modo a mostrar aos visitantes e a quem consulte o *site* algo novo, permitindo ao próprio Museu que mostre durante um mês uma peça que não esteja incluída na sua exposição permanente.

A reformulação das Legendas foi algo que se achou igualmente importante, pois ao alterarem-se as fichas de inventário obtiveram-se novas informações que deveriam estar presentes nas legendas, dando a conhecer aos visitantes um pouco mais do que estava apresentado anteriormente.

É importante não deixar de referir que tudo o que foi apresentado no Capítulo IV deste Relatório, são apenas propostas passíveis de serem aplicadas pois são mais-valias para o Museu Militar de Lisboa que necessita de ser apreciado uma vez que apresenta um acervo riquíssimo que marca épocas e figuras importantes da História de Portugal.

Bibliografia

Património Militar:

- ADAMS, Brian, SHONE, Rob, ROCHA, Rui, Trad., *Castelos Medievais*, Edinter, Porto, 1990;
- BECO, João Cândido, *Circuito Turístico da Serra e Portinho da Arrábida com Visita a Setúbal*, Azeitão, 1955;
- COELHO, Sérgio Veludo, *Figurinos Militares da Regeneração: Aparência e Realidade 1848-1892*, Tese de Mestrado em História Moderna, Universidade do Porto, 1998;
- COSTA, Aníbal Gil da, *Os Fortes Costeiros de Santa Susana e S. Pedro de Milreu, no Concelho de Mafra: Achegas para a sua história*, Boletim Cultural 1996, Mafra, 1997, pp. 105-132;
- COSTA, Francisco Pedro Ribeiro e, *Castelo de Sintra ou Castelo dos Mouros*, Portugal Histórico, Lyon Multimédia, Mem Martins, 1996;
- MARTINS, General Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, 1940;
- CRUZ, Manuel Ivo, *Castelos de Portugal*, Publicações Turísticas, Lisboa, 1960;
- DINIS, Manuel Vieira, *As Ruínas Luso-Romanas dos Castelos, na Vila de Paços de Ferreira*, Guimarães, 1979;
- GIL, Júlio, Serrão, Joaquim Veríssimo, *Os Mais Belos Castelos e Fortalezas de Portugal*, Verbo, Lisboa, 1986;
- MOREIRA, Rafael, *O Torreão do Paço da Ribeira*, Imprensa de Coimbra, Coimbra, 1983;
- MOREIRA, Rafael, *Portugal no Mundo: História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Alfa, Lisboa, 1989;
- RODRIGUES, Manuel A. Ribeiro, *300 Anos de Uniformes Militares do Exército de Portugal, 1660-1960*, Exército Português: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 1998;

- SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Artilharia Naval e os Canhões do Galeão “Santiago”*, Academia da Marinha, Lisboa, 1986;
- SILVA, António Vieira da, *O Castelo de S. Jorge em Lisboa: Estudo Histórico-descritivo*, Tipografia Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1937.

Museus Militares:

- BERGER, José, *O Serviço Militar, Os Jovens e os Museus Militares*, Jornal do Exército, 2008;
- CORREIA, Maria Teresa Rodrigues de Almeida, *A Génese de um Museu: Do Arsenal Real do Exército ao Museu de Artilharia*, Tese de Mestrado de Museologia e Património, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002;
- MELIÁ, Juan Tous, *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*, Dirección del Museo Militar Regional de Canarias, Santa Cruz de Tenerife, 2000;
- *Military Museum Lisbon*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1999;
- *Museu Militar – Roteiro*, EME, Lisboa, 1998;
- NOGUEIRO, M. E. Pires, *Museu Militar de Bragança: Fundação; Práticas Museológicas*, Tese de Mestrado em Museologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009;
- RODRIGUES, F. A. Amado, *Uma Nova Rede de Museus para o Exército Português*, Tese de Mestrado em Museologia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005;
- TEIXEIRA, Mariana Jacob, *A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército)*, Tese de Mestrado em Museologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011.

Artilharia Histórica:

- *Artilharia Histórica Portuguesa Fabricada em Portugal*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1998;
- AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de, *Armas de Espanha e outras nos Canhões do Museu Militar de Lisboa*, Madrid, 1958;

- AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de, *Armas Reais e de Fidalgos de Portugal nos Canhões do Museu Militar de Lisboa*, Braga, 1960;
- BARATA, Manuel F. Themudo, *No VI Centenário da Artilharia em Portugal*, Revista Militar, nº9, Ano 34º, Lisboa, Setembro de 1982, pp. 755 - 761;
- BROWN, Ruth Rhynas, *Seis canhões do século XVI provenientes do Santíssimo Sacramento: uma reestimativa*, Revista Navigator, Rio de Janeiro, V.1 - N.2, Dezembro de 2005, pp. 21-34;
- CARVALHO, F. F. de, *Memoria sobre a Antiguidade do Emprego da Artilharia em Hespanha, e Remota data da Sua Introdução em Portugal*, Academia Real das Ciências, Lisboa, 1844;
- *Catálogo do Museu Militar de Lisboa*, 10ª ed., Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1930;
- FERREIRA, Marino da Cunha Sanches, *Artilharia*, Separata da «Enciclopédia da Vida Corrente», Oficinas Gráficas de Rádio Renascença, Lisboa, 1958;
- FERREIRA, Marino da Cunha Sanches, *Notícias sobre Artilharia Portuguesa*, in Revista Militar, Lisboa, 1960;
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. IV, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa - Rio de Janeiro, 1981;
- *Guia de Artilharia Histórica do Museu Militar*, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, 1979;
- LIMA, Baptista de, *Uma Notável Peça de Artilharia Portuguesa do Século XVI*, Separata do Boletim nº 27/28, Diário Insular, Angra do Heroísmo, 1978;
- MARTÍN, F. J. López, *Esculturas para la Guerra. Lá Creación y Evolución de la Artillería hasta el S. XVII*, Imprenta Ministerio de Defensa, Madrid, 2011;
- MELO, João Brandão Pereira de, *Artilheiros Estrangeiros ou Estrangeiros que Serviram na Artilharia Portuguesa*, Oficinas Gráficas Minerva, Famalicão, 1938;
- NEEDHAM, J, HAYES, *Science & Civilization in China*, Vol. V.6 – Military Technology: Missiles and Sieges, Cambridge University Press, 1994;
- NUNES, A. Lopes Pires, *Dicionário Temático de Arquitectura Militar e Arte de Fortificar*, Estado-Maior do Exército, Lisboa, 1991;

- NUNES, A. Lopes Pires, *Dicionário de Arquitectura Militar*, Caleidoscópio, Lisboa, 2005;
- RUBIM, Nuno José Varela, *Novo Conjunto de Tapeçarias de D. Afonso V na Igreja de Pastrana em Espanha*, Edição de Autor, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005;
- RUBIM, Nuno José Varela, SAMPAIO, Tércio Machado, *A Artilharia Antes da Utilização da Pólvora*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 2000;
- RUBIM, Nuno José Varela, *A Artilharia Portuguesa nas Tapeçarias de Pastrana – A Tomada de Arzila em 1471*, Separata da Revista de Artilharia, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 1987;
- RUBIM, Nuno José Varela, *Sobre a Possibilidade Técnica do Emprego de Artilharia na Batalha de Aljubarrota*, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, Lisboa, 1986;
- SANCHEZ, J. Garcia, *La Artilleria Española en el Siglo XV*, in «La Organización Militar en los siglos XV y XVI – Actas de las II Jornadas Nacionales de Historia Militar», Málaga, 1993, pp. 361 – 364;
- SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Representação das Armas Nacionais nas Peças de Artilharia*, Academia de Marinha, Lisboa, 1990;
- SANTOS, Nuno Valdez dos, *A Artilharia de Outrora do Museu Militar de Lisboa*, (Texto não editado. Doador ao Museu Militar de Lisboa em 2011);
- SANTOS, Nuno Valdez dos, *Manuel Bocarro, o Grande Fundidor*, Comissão de História Militar, Lisboa, 1981;
- *Síntese Histórica da Artilharia Portuguesa*, Estado Maior do Exército, Exposição Comemorativa do VI Centenário da Artilharia no Museu Militar do Porto, 1982;
- VALLE, General Henrique Pereira do, *Artilharia Antiga de Retrocarga*, in Revista de Artilharia, n^{os} 475-476, Lisboa, 1965;
- VALLE, General Henrique Pereira do, *Nomenclaturas das Bocas-de-fogo Portuguesas*, in Revista de Artilharia, n^{os} 439-440, Lisboa, 1962;
- VITERBO, F. M. Sousa, *Fundidores de Artilharia*, in Revista Militar, Lisboa 1901.

História/ História Militar:

- MATTOSO, José, *História de Portugal Vol. 4 – O Antigo Regime*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994;
- MONTEIRO, Coronel Henrique Pires, *As instituições Militares Portuguesas*, Lisboa, 1936;
- MONTEIRO, J. Gouveia, *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média*, Editorial Notícias, Lisboa, 1998;
- SANTOS, Nuno Valdez dos, *As Raízes das Instituições Militares Portuguesas*, in Separata da Revista Militar, Lisboa, 1986;
- SELVAGEM, Carlos, *Portugal Militar: Compêndio de História Militar e Naval Portuguesa – Desde as Origens do Estado Portucalense até ao fim da Dinastia de Bragança*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 3ª ed., Lisboa, 1999;
- SEPÚLVEDA, Cristóvão Aires de Magalhães, *História Orgânica e Política do Exército Português*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1904-08;
- TORRES, Joaquim, *Tesouro Monetário Dos Castro De Alvarelhos: Estudo Numismático: Seriação Cronológica E Histórica*, Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1979;
- VALLE, General Henrique Pereira, *Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*, Lisboa, 1963.

Inventário:

- BOLD, John, et. al., *Guidance on Inventory and Documentation of the Cultural Heritage*, Publishing Editions, Council of Europe, 2009;
- PINHO, Elsa Garrett, Freitas, Inês da Cunha, *Normas Gerais de Inventário – Artes Plásticas e Artes Decorativas*, Instituto Português de Museus, Lisboa, 2000.

Museus:

- ALMEIDA, Adriana, Mortara, *Desafios da Relação Museu-Escola*, in revista Comunicação & Educação, Vol.3, No 10, São Paulo, set./dez. 1997, pp.50-56;

- ANDRADE, J. F. Dias, *O Museu na Era da Comunicação Online*, Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, 2008;
- BARBOSA, Sandra, D., F., *Serviços Educativos Online nos Museus: Análise das Actividades*, Dissertação de Mestrado em Educação no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Outubro de 2006;
- BENNET Tony, *The Brith of the Museum. History, Theory, Politics*, Routledge, Londres/Nova York, 1995;
- BORUN, M. et al., *Planets and pulleys: studies of class visits to science museums*, Flanklin Institute, Philadelphia, 1983;
- BRIGOLA, João Carlos, *Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no séc. XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para Ciência e a Tecnologia, 2003;
- BRIGOLA, João Carlos, *Perspectiva Histórica da Evolução do Conceito de Museu em Portugal*, Olhar em Aberto, Revista da APOM, 2003;
- MARECOS, C. T. S. Lopes, *O Conceito de Marketing Cultural Aplicado à Museologia Contemporânea em Portugal*, Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauro da Faculdade de Letras de Lisboa, 2009;
- MENDES, J. Amado, *Estudos de Património. Museus e Educação*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

Normativa Legal

- *Código Deontológico do ICOM para os Museus*, ICOM-Portugal, 2009;
- *Lei nº107/2001 de 8 de Setembro – Lei de Bases do Património Cultural*,
- *Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses*, Diário da República – I Série-A, nº125, 2004;
- *Policy for Safeguarding the World Heritage of Small Arms and Light Weapons*, ICOMAM, Graz, 2011.

Webgrafia

- <http://www.exercito.pt/sites/MusMilLisboa/Historial/Paginas/default.aspx> - Museu Militar de Lisboa (Consultado a 10 de Outubro de 2012);

- <http://www.matriznet.ipmuseus.pt/matriznet/home.aspx> - *Matriznet* (Consultado a 13 de Outubro de 2012);
- <http://www.nam.ac.uk/> - *National Army Museum, London* (Consultado a 15 de Dezembro de 2012);
- <http://www.klm-mra.be/icomam/> - *International Committee of Museums and Collections of Arms and Military History* (Consultado a 7 de Janeiro de 2013);
- <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=16> – *Nau da Companhia das Índias: Nossa Senhora dos Mártires* (Consultado a 28 de Janeiro de 2013);
- <http://osgrandeselvenses.blogspot.pt/2007/03/conde-de-lippe.html> - *Conde de Lippe* (Consultado a 26 de Maio de 2013);
- <http://apcm.home.sapo.pt/artigo3a.htm> - *Real Arsenal do Exército* (Consultado a 26 de Maio de 2013);
- <http://www.ejercito.mde.es> - *Museo del Ejército* (Consultado a 5 de Junho de 2013);
- <http://www.nam.ac.uk/> - *National Army Museum* (Consultado a 5 de Junho de 2013);
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Godoy - *Biografia de Manuel Godoy* (Consultado a 5 de Junho de 2013);
- <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=175> – *Ordens Honoríficas Portuguesas* (Consultado a 11 de Junho de 2013);
- [http://www.infopedia.pt/\\$antonio-ramalho](http://www.infopedia.pt/$antonio-ramalho) – *Biografia de António Ramalho* (Consultado a 11 de Junho de 2013);
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Ferreira_Condeixa - *Biografia de Ernesto Ferreira Condeixa* (Consultado a 11 de Junho de 2013);

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Bordalo_Pinheiro - Biografia de Rafael Bordalo Pinheiro (Consultado a 11 de Junho de 2013);
- <http://www.portugalromano.com/2011/11/Castro-de-alvarelhos-alvarelhos-trofa/> - Castro De Alvarelhos (Consultado a 18 de Agosto de 2013);
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3128 - Sistemas de Informação para o Património Arquitetónico - Castelo de S. Jorge e Restos das Cercas de Lisboa (Consultado a 18 de Agosto de 2013);
- [http://pt.m.wikipedia.org/wiki\(Castelo_dos_Mouros_\(Sintra\)](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_(Sintra)) – Castelo dos Mouros de Sintra (Consultado a 18 de Agosto de 2013);
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4641 - Sistemas de Informação para o Património Arquitetónico - Castelo dos Mouros (Consultado a 18 de Agosto de 2013);
- <http://www.historiadeportugal.info/forte-do-milreu/> - Forte dos Milreu (Consultado a 18 de Agosto de 2013);
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3142 – Sistemas de Informação para o Património Arquitetónico - Museu Militar de Lisboa (Consultado a 25 de Setembro de 2013).